



Três por Quatro

EDITORIAL

A academia me emparedou

Wladymir Ungaretti

Este ano de 2015 vai para a história. Um ano em que tudo caminhou para a direita. É dentro deste contexto que peço licença a esta turma do 3x4 para fazer algumas considerações. E uma delas é que, pela primeira vez, perdi uma boa parte da alegria de estar em sala de aula. Poucas vezes, embora tenhamos tido um convívio fraterno, não me senti inadequado. Não tenho nada mais com o ensino atual do jornalismo que aí está e, conseqüentemente com o ambiente de grupo escolar.

Um ano de ZHzelotes e de muitas tentativas golpistas. Um ano que, acredito, deixou todos nós exauridos. Não falo de economia. Paradoxalmente, o ano passou, em velocidade espantosa, e parece que nada aconteceu. Cansei de “lavajato” todos os dias. Exceto tragédias como a de Mariana, destinada ao Museu das tragédias televisivas. O pior telejornalismo da história do país, de marcelos e datenas. De imagens não produzidas com a estética do jornalismo. Um ano comandado pela direita. Perdido que está o nosso passado recente de muitos “brilhantes ustras”. Nenhum deles foi para a cadeia. E segue o ensino do “jornalismo”, de muitas regras e quase nada da velha reflexão crítica. Uma “lavajato” em tempos de privatarias jogou tudo para baixo dos tapetes. A Vale não “valia” nada. Em um mar de lama. Um país moldado – cunhado – pelo evangélico Eduardo Cunha. Esta faltando a presença- mais do que nunca - do capeta no ensino de jornalismo. É sincero. Peço desculpas aos alunos das turmas mais recentes por não ser o professor que já fui. A academia me emparedou. Sou inadequado a este clima evangélico dos tempos atuais e que corresponde às expectativas de muitos. Sinto falta dos marginais. Dos que se colocavam à margem. E quando identifico alguns aconselho a se manterem na clandestinidade. O sistema quer a cabeça de todos nós. A correlação de forças é favorável à direita, em tudo. Para alguns recomendo o abandono da profissão.

Agradeço a esta turma o convívio respeitoso!

Expediente

Redação

Laura Sito
Marihá Gonçalves
Jonata Fabris
Lysiane Munhoz
Lucas Pfeuffer
Danielle Della Passè
Cássia de Oliveira
João Pedro Godói
Mariana Somariva
Claudia Bueno
Débora Smith Sander
Emerson Trindade

Comissão Editorial

Carolina Oliveira
Gustavo Flores Pedroso
Laura Sito
João Pedro Godói

Orientação professor Wladymir Ungaretti

Identidades culturais e coletivas

Gustavo Flores Pedroso, em nome da turma

A nossa identidade é um processo de construção diário. Apesar de parecer individual, a formação de quem somos é dependente do coletivo ao qual fazemos parte. Por mais contraditório que possa parecer, tudo o que sabemos sobre nós vem da comparação com os outros: o modo como escolhemos nos vestir, a maneira que falamos e as roupas que vestimos, os lugares e músicas preferidos, enfim...tudo chega até nós após observarmos quem está ao nosso redor.

Ao olhar para os outros, descobrimos quem somos.

Esta 3x4 trata de Identidades Culturais. Ela pode parecer um pouco vaga e dispersa na escolha das reportagens, mas esta foi a intenção. Como queríamos mostrar um minúsculo recorte das culturas que nos cercam, não poderíamos cair no erro de generalizar – ou diminuir. A sociedade é plural assim como nós.

O conceito de cultura em si também é algo muito amplo para ser tratado nesta revista. Mas, por ser amplo, permitiu que aplicássemos a nossa própria interpretação. José Luiz dos Santos, no seu livro *O que é Cultura*, finaliza a obra afirmando que “num sentido mais amplo e também mais fundamental, cultura é o legado comum de toda a humanidade”.

Seja nos terreiros ou dentro da igreja. No carnaval ou nos estádios de futebol. Dentro de um prostíbulo ou no meio da rua. Seja sobre pessoas que vem de longe ou pessoas que moram aqui. Esta revista trata do legado que recebemos e que deixamos na sociedade.

Esta revista trata de Identidades Culturais. Mas também trata de quem somos.



A revista 3x4 é uma produção dos alunos de jornalismo da UFRGS, para a disciplina de Imprensa III, ministrada pelo professor Wladimir Ungaretti. Esta edição foi produzida no segundo semestre de 2015.

Impressão
Gráfica da UFRGS

“Nenhum homem é uma ilha, um ser inteiro em si mesmo; todo homem é uma partícula do Continente, uma parte da terra. Se um pequeno torrão carregado pelo mar deixa menor a Europa, como se um promotório fosse, ou a herdade de um amigo seu, ou até mesmo a sua própria, também a morte de um único homem me diminui, porque eu pertença à humanidade.”

Jonh Donne

SUMÁRIO

O coração aberto e a vontade de recomeçar.....	[6]
Do Senegal para o mundo: uma história sobre a alegria de viver.....	[10]
Uma pequena revolução : com a palavra a Rua.....	[12]
Trago, alento e amizade.....	[17]
A história e a religião por trás de um terreiro.....	[19]
A igreja no lugar da balada.....	[23]
Uma noite indiana em Porto Alegre.....	[28]
Jogo, energia, luta e celebração: A cultura da capoeira.....	[31]
Porto Alegre de Carnavais.....	[35]
Vulto de um corpo do século XXI.....	[40]

O coração aberto e a coragem de recomeçar



Foto: Divulgação

Migrantes aguardando para seguir viagem

Laura Sito

Enquanto eu sentava para escrever esta reportagem em minha timeline pulava uma notícia, um Senegalês teve o corpo incendiado e seus pertences roubados na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Uma barbárie causada por racismo e xenofobia, que foi perceptível assim que houve uma entrada mais expressiva de refugiados em regiões, como a Serra Gaúcha. Meu estado que foi formado por imigrantes europeus, não só acha que africanos e haitianos não tem o mesmo direito de imigrar como seus antepassados tiveram. Como acham que estes “novos” imigrantes não têm direito a vida.

Imediatamente me recordei de todas as cenas que venho acompanhando ao longo destes meses de produção desta reportagem de intolerância contra aqueles que caminham em busca de uma vida com dignidade. Vimos policiais na Hungria jogar comida para alto, como uma espécie de sorteio, para que os imigrantes comam como animais; a jornalista húngara que colocou o pé para que um pai com a criança no colo caísse e fosse capturado; famílias Sírias se jogando nos trilhos do trem para não serem presas; gover-

nos impedindo o acesso ao transporte coletivo a imigrantes; entre tantas outras cenas tristes.

A cena que virou símbolo de toda essa luta foi do menino sírio Aylan Kurdi. Com apenas três anos cruzou o mar com a sua família em um bote, assim como milhares de refugiados todos os dias, na península de Bodrum no sudeste da Turquia. Infelizmente Aylan, sua mãe e seu irmão não chegaram ao destino, pois morreram afogados. A foto do corpinho frágil de Aylan esticado na costa da península voou o mundo, nela um policial tomava nota em seu bloquinho antes de recolher o corpo. Uma cena de frieza, de translucidez do tamanho genocídio causado pelas portas da Europa se encontrarem fechadas.

A crise causada pelo intenso fluxo migratório no mundo trouxe ao século XXI um retrato de sua desumanidade.

Um povo acostumado a lutar pela sua liberdade, pelo direito a sua terra e por paz. Assim tem sido a saga do povo haitiano desde a proclamação de sua república no início do século XIX. O líder Jean Jacques Dessalines declarou a independência do Haiti e se autodeclarou imperador, em retaliação recebeu de europeus e

estadunidenses 60 anos de embargo econômico. Contando durante esse período com a ajuda para resistir do libertador Simon Bolívar, que tinha entre os seus compromissos, ao libertar as Colônias Européias na América, alforriar os escravos negros.

O Haiti atravessou o século XX com sua soberania nacional ameaçada, com forte interferência dos Estados Unidos. Tendo como seu maior aliado o ditador François Duvalier, mais conhecido como Papa Doc que governou o país de 1957 até sua morte em 1971. Quando deixou seu filho, Baby Doc que conseguiu manter o sistema feroz até 1987.

As Nações Unidas mantiveram durante os anos 1990 e início de 2000 muitas tentativas de “recuperar” a democracia no país, sempre com empenho central dos Estados Unidos. Em 2004 o Conselho de Segurança da ONU compreendeu que era necessário uma Força de Paz para auxiliar na estabilização do país.

Mas em 2010 um terremoto catastrófico atingiu o país, 85% das edificações em Porto Príncipe, capital do Haiti, foram destruídas ou duramente danificadas. Naquele ano o primeiro-ministro, Jean-Max Bellerive, estimou que tenham sido mais de 300 mil mortes e 400 mil pessoas desabrigadas.

É neste cenário que o povo Haitiano parte de sua terra. No Brasil os haitianos já chegam a ser mais de 39 mil abrigados, porém não são considerados refugiados. Segundo a lei brasileira, o refúgio só pode ser concedido a quem provar sofrer perseguição em seu país, por motivos étnicos, religiosos ou políticos. Porém, em razão da crise humanitária provocada pela catástrofe de 2010, o governo brasileiro abriu uma exceção, concedendo-lhes um visto diferenciado.

A esperança que vem do outro lado do Oceano

Os senegaleses vivenciam uma nova diáspora. A disputa dos países europeus pela colonização africana deixou uma herança de miséria, mortes, dissolução de tribos e destruição de países. O Senegal foi colonizado no século XIX pela França. Hoje a maioria esmagadora da população é formada por jovens, pois os adultos morreram na guerra. O mercado de trabalho tem pouca capacidade de absorção da mão de obra pela economia ser muito fraca.

Neste contexto a opção por migrar é uma opção de sobreviver.

Os senegaleses falam pouco de como foi seu percurso para chegar até o Brasil. Supõe que um dos roteiros principais inicia-se pelo Equador, pois o país não cobra visto para circulação. Outros optam por cruzar via Acre. Deixando sem dúvida bons valores com atravessadores.

Sírios: maior nação de refugiados pelo Mundo

Segundo a ONU já chega a 4 milhões de refugiados Sírios pelo mundo. Hoje são a maior população deslocada de seu país.

Uma das rotas de fuga tem como seu ponto de partida a Turquia, por uma questão geográfica, de lá partem de forma ousada rumo a Europa. A adjetivação de ousadia é em decorrência de cruzarem em botes plásticos que partem diariamente a península de Brodum, na Turquia, para ilha de Kos, na Grécia. Botes inseguros e superlotados de pessoas e esperança. Uma viagem de alto risco, já que o Mar Egeu afoga diariamente muitos sonhos em suas águas turvas. Assim como a história do menino Aylan Kurdi e sua família.

Segundo Mauren Montovani, da Frente de Solidariedade ao Povo Palestino, os palestinos que eram anteriormente a maior população refugiada do mundo também compõem os números Sírios. Já que muitos palestinos migraram para Síria e hoje são obrigados a migrar novamente.

Um dos conflitos mais sangrentos tem como seu protagonista o Estado Islâmico, um dos mais violentos grupos terroristas na atualidade. Surgido em 2013, hoje o Estado Islâmico tem atuação independente. Sua intenção é impor pela força o domínio sobre o território iraquiano e sírio.

Partidas de muitos territórios, identidades e culturas. Unidos em um só grito, o grito de esperança!

Ao contar um pouco da história destes países é possível perceber que apesar de histórias, trajetórias, e conflitos diferentes a motivação para migrar é a mesma. Buscar uma vida melhor, com paz e dignidade para si e seus familiares.

No Brasil são 81 nacionalidades de refugiados, um quarto é formado por mulheres. Os sírios são o maior grupo entre os reconhecidos pela legislação brasileira como refugiados, representam 23% do montante que já ultrapassa 8.500 pessoas. Os dados são do Comitê

Nacional para Refugiados (Conare) do Ministério da Justiça.

Ao ouvir as histórias destes desbravadores do mundo achei que fosse ouvir muitas histórias tristes. Para mim, o sentimento de abandonar sua pátria, deixando sonhos, familiares e amigos, bens, entre tantas outras coisas, só poderia ser preenchido com forte frustração.

Porém o que ouvi foi muito diferente, vi a felicidade de poder recomeçar, vi a esperança de possibilitar a suas famílias uma vida melhor, enxerguei muita disposição de enfrentar qualquer desafio para seguir em frente.

Entre as histórias que mais me tocaram foi ao visitar um grupo de haitianos abrigados no Centro Vida, zona norte de Porto Alegre. Dormem em um ginásio, com pouca infraestrutura e trabalham em subempregos ligados a reciclagem e limpeza.

Alguns tinham migrado para outros países da América do Sul antes de chegar ao Brasil. Trabalhando em muitas funções, desde a construção civil até na prestação de serviços, pois qualquer trabalho era meio de transporte para levar ao sonho de poder se fixar em lugar seguro para recomeçar.

O jornalista Balan O. Junior foi quem mais me chamou a atenção. O haitiano trabalhava em uma emissora de televisão local. Era o único entre o grupo de haitianos que visitei que tinha uma profissão e curso superior. O trabalho que encontrou em Porto Alegre era empresa de serviços gerais, mas se você acha que o encontramos triste está enganado. Para ele aquela é uma condição temporária até conseguir o visto permanente para poder trabalhar em algo melhor e juntar dinheiro para trazer sua família.

O Caminho para a Europa, um acerto de contas histórico

A rota preferencial dos imigrantes tem como ponto de chegada a Europa. A Alemanha tem consigo 40% dos pedidos de asilo. Mesmo com muitos países precisando de mão de obra em áreas onde a população do país não tem interesse em trabalhar, a tensão é grande para o acolhimento dos refugiados.

Se estes países não tivessem ajudado a invadir e destruir países como o Iraque, Líbia, e a Síria; armando através de suas agências de espionagem terroristas que deram origem a grupos como Estado Islâmico, a fim de combater Kadafi e Bashar Al Assad, fomentado

o engano da Primavera Árabe, a Europa não seria protagonista da maior crise humanitária deste século.

Os Estados Unidos, maior responsável neste período histórico pela existência de refugiados, afirmam preferir enviar dinheiro a acolher os grupos por medo de que tenham “terroristas” infiltrados. Refugiados estes que são resultado da “guerra ao terror” fomentada pelo país após o ataque as Torres Gêmeas.

A realidade é que os povos caminham em direção a aqueles que têm relação direta com a situação que seus países vivenciam. A exploração das riquezas destes países ocasionou tensões, guerras, miséria e destruição. A caminhada dos povos refugiados ao velho mundo tem um tom de acerto de contas histórico.

Foto: Laura Sito



Haitianos que vivem no Centro Vida, zona norte de Porto Alegre.



Mor Ndyaié

"Gosto de muitas coisas aqui, gosto das pessoas de bem, gosto da cultura, do carinho, mas a que eu mais gosto é a natureza"

Do Senegal para o mundo: uma história sobre a alegria de viver

Marihá Gonçalves

O país natal é diferente, a língua é diferente, a cultura também é diferente. Porém, o desejo de viver e ter melhores condições de vida se assemelha a vida dos brasileiros.

Mor Ndyaié é um dos 650 senegaleses que junto com mais de 4.000 haitianos e outros imigrantes, chegam a Porto Alegre em busca de uma vida renovada.

Ao finalizar os estudos no Senegal, Mor Ndyaié trabalhou no país como comerciante e pescador, entretanto, ele conta que sua terra natal não possui muitas oportunidades de emprego aos jovens recém formados, a economia é fraca e não consegue acolher toda a mão de obra do país. A alternativa que resta é

imigrar. Foi então que seu desejo de conhecer o Brasil e se juntar aos seus amigos que vieram primeiro se tornou realidade. Depois de deixar a família e os irmãos no Senegal, Mor viveu em São Paulo, Santa Catarina e no Paraná, até chegar ao Rio Grande do Sul, e finalmente Porto Alegre.

O Senegalês imaginava o país como uma mistura infinita de raças e etnias, por isso, seria fácil a integrar a nova vida. Por aqui, ele precisou modificar muitos hábitos e se acostumar com uma nova realidade, longe de qualquer referência.

Os maior problema enfrentado por Mor ao chegar no novo país, foi a comunicação. Para ele era difícil falar e ser entendido, a linguagem de gestos até poderia auxiliar, mas não se obtinha muitos avanços quanto

ao entendimento. Sem entender a língua brasileira não conseguia emprego e sem emprego não há sustento. Foi então que Mor traçou uma meta que seria alcançada gradualmente, conversando com pessoas, fazendo amigos, assistindo televisão, ou seja, se comunicando cada vez mais com os novos amigos conseguiria viver plenamente. Com toda a sua força de vontade, ele alcançou sua meta e conquistou seu emprego em uma empresa de produção de alimentos, onde trabalha até hoje.

Há oito anos morando em Porto Alegre, o africano de 29 anos faz a diferença no Rio Grande do Sul, trouxe sua cultura na bagagem e hoje é presidente da Associação dos Senegaleses de Porto Alegre e região Metropolitana. É neste lugar que Mor e os outros imigrantes se encontram para incluir cada vez mais a cultura senegalesa no Brasil como forma de união das diferenças entre os países e ajudar os irmãos que chegam precisando de apoio.

Mas e o preconceito? Foi alvo alguma vez dele aqui, Mor? Ao responder tais questionamentos, ele é cuidadoso ao dizer: “se existe preconceito com o brasileiro, imagina com os imigrantes, é em dobro com o racismo e a xenofobia”. No início Mor não entendia as cenas de preconceito que presenciava, com o passar do tempo foi percebendo algumas distinções, entretanto, ele ressalta que os brasileiros tem se mostrado acolhedores com os imigrantes.

Hoje em dia, familiarizado com o país, Mor Ndiaye não pensa em voltar a morar no Senegal. Aqui conquistou sua estabilidade de vida, e principalmente, sua qualidade de vida.

Dentre tantas alegrias que Mor tem vivendo no novo país, ele ressalta a natureza, as pessoas de bem e o carinho que recebe. Voltar para o Senegal só para visitar e matar a saudade da família.

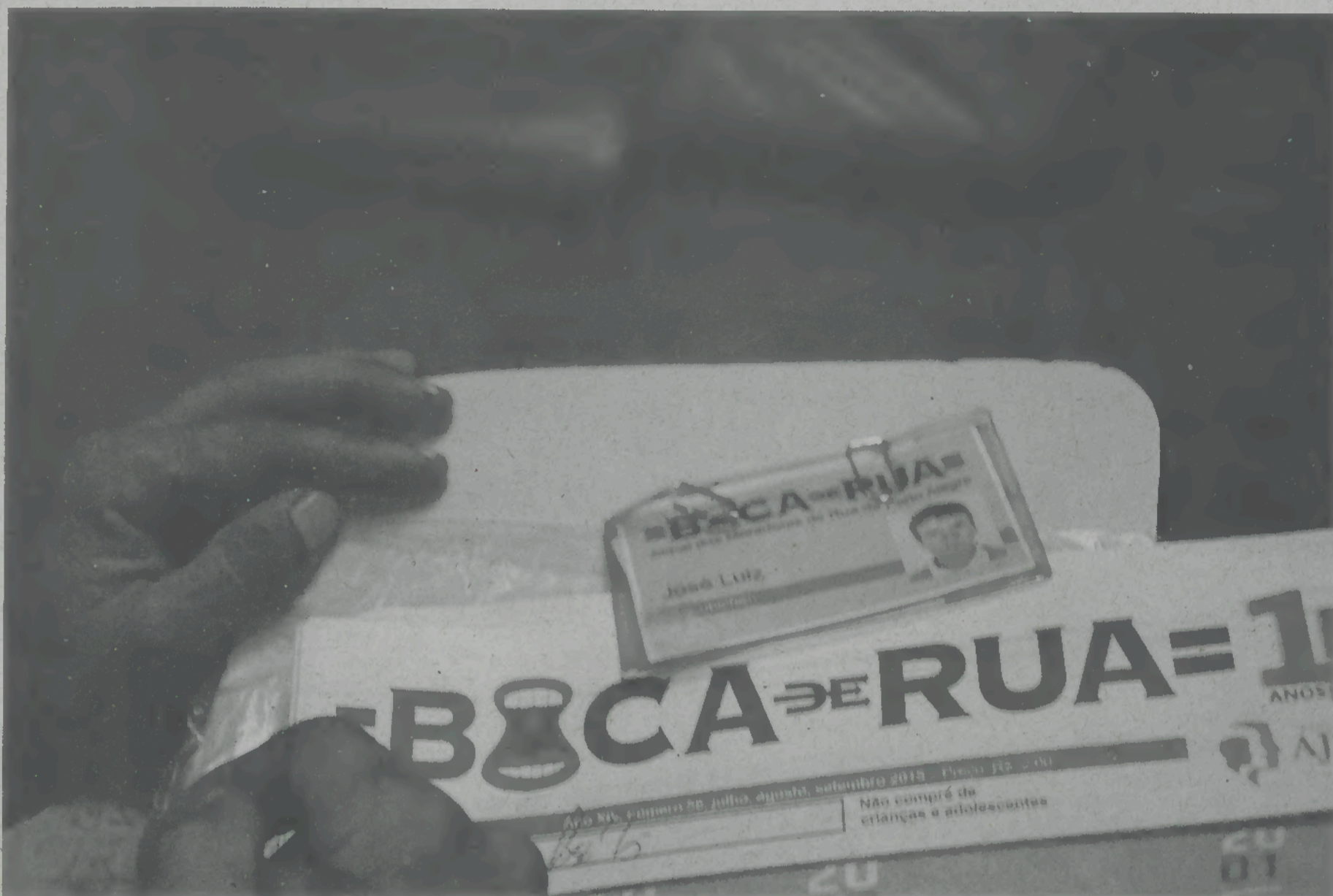


Foto: Carolina de Olivéira

Imigrante senegalês Mor Ndiaye no Mercado Público de Porto Alegre

Uma pequena revolução: com a palavra a Rua

Foto: Lysiane Munhoz



Jornal Boca de Rua é escrito e produzido por moradores de rua

Lysiane Hargreaves Munhoz

Revolução. Revolucionar. Para o dicionário é um verbo transitivo direto que significa transformar profundamente; causar sensível mudança em. As pessoas que formam o Boca de Rua brincam que o jornal é uma pequena revolução. Dizem os antigos, que toda a brincadeira tem um fundo de verdade e, neste caso, faz todo o sentido. O termo “uma pequena revolução” foi cunhado por um dos membros da agência ALICE (Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação), que, segundo alguns conhecidos, é um homem que fala pouquíssimo, mas quando abre a boca diz tudo. O Boca de Rua realizou o documentário “Carta de Porto Alegre” para apresentar aos moradores de rua de São Paulo a nossa cidade e a vida dos sem tetos de Porto Alegre. Rosina Duarte, jor-

nalista que auxilia os membros do jornal, conta que essa definição surgiu quando o Boca foi exibir esse filme no Santander Cultural, em Porto Alegre. “Quando nós chegamos lá, vieram aqueles seguranças que eu chamo de MIBs porque são iguaizinhos aqueles MIBs – os homens de preto – chegaram para nós e disseram assim: ‘E vocês quem são?’. E eu subestimando os meninos, porque, às vezes, tu tentar proteger é subestimar. Daí, eu dei um passo a frente e um dos integrantes que já faleceu, que por causalidade, se chamava Bocão (ele tinha esse apelido, o nome dele era Alexandro Rocha). O Bocão deu dois passos, foi mais rápido do que eu, e disse olhando nos olhos deles (e isso para mim foi marcante)... E disse assim: ‘Nós somos os artistas e os diretores do filme, com

licença.' E aí, eles entraram, foi uma coisa fantástica". Ela estava emocionada ao vivenciar aquele momento único para o Boca de Rua, pois eles estavam num espaço que representa o templo da economia e da cultura, quebrando tudo que é considerado uma cultura superior e apresentando um novo olhar. Rosina comentou com seu colega ALICE, Silvio Ferreira "Silvio, hoje eu fiquei muito emocionada, os guris estavam lá dentro do Santander. Estavam exibindo o seu filme e depois palestrando sobre ele. E na plateia professores e estudantes que tinham pago para ver o filme. E eu achei fantástico isso." E Silvio lhe responde, como ela diz, com aquela serenidade que lhe é peculiar: "É Rosina é uma pequena revolução". Rosina complementa "E acho que é isso que o Boca é uma pequena revolução. Pessoas que conseguiram o impossível, sabe? O que parecia impossível. E sempre que eu acho que alguma coisa é impossível, eu me lembro do Boca e penso nem tanto".

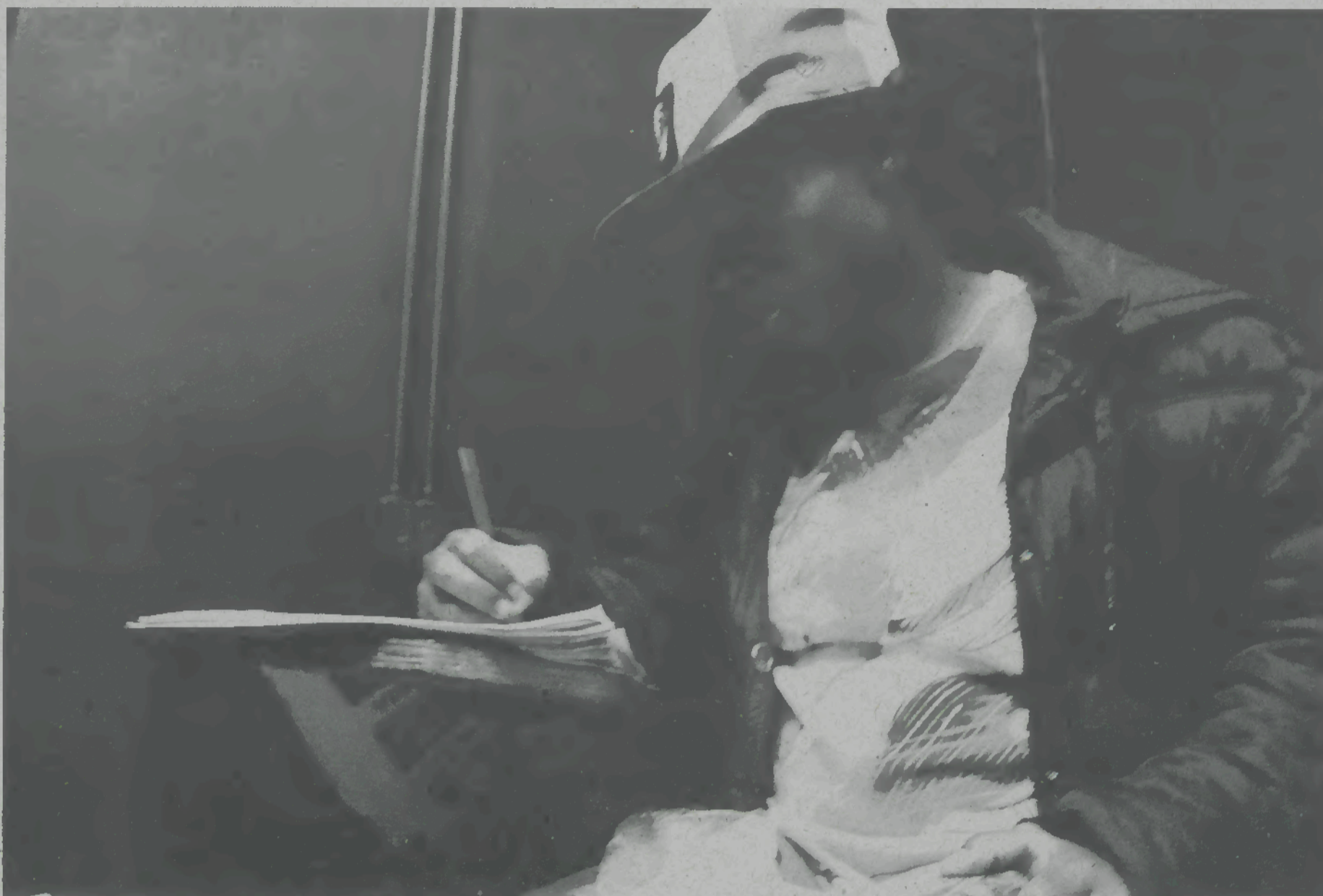
Com vocês o Boca de Rua.

"Eu conheci o Boca pelo meu amigo Leandro, conhecido Pedrinha. Ele pegava e dizia 'tu vai ser do Boca, tu vai ser do Boca'". E foi assim por meio de uma brincadeira entre amigos que Rita de Cássia Pereira de Sousa conheceu o Boca de Rua. No início, os primeiros momentos que ela participou das reuniões de pautas eram considerados chatos. Contudo, aos poucos foi sendo cativada até o ponto de existir uma transformação na vida dela. Rita, hoje, tem uma nova perspectiva para sua vida e decidiu deixar algumas atividades do passado para trás. "[O Boca] faz parte da minha vida. Se não fosse ele essa hora estaria me drogando, me prostituindo, roubando, estaria fazendo bolo, entendeu? Agora eu tenho um compromisso. O Boca pra mim, na real, é uma família. São os meus amigos que andam comigo". Ela deseja mostrar por meio das matérias que realiza um olhar diferente sobre o morador de rua. "Eu quero mostrar para todo mundo o que o

morador de rua não é como eles pensam. Morador de rua também é gente. Enxergar a gente como vendedor, porque isso para nós é um serviço". Grávida de seis meses está fazendo planos para a espera do seu bebê, Rita está procurando um lugar para morar, embora conte com ajuda de seus amigos e parentes.

José Luíz Steraubichen conheceu o jornal pelo seu amigo Duti que explicou a ele como funcionava e como poderia participar. Durante dois anos, José era espectador do trabalho de seus amigos, mas não participava diretamente. Até que um dia ele decidiu experimentar ser de fato um membro ativo. "Chegou uma hora que eu pensei tenho que colocar minha cara para ver. Tá todo o pessoal feliz com o jornal e ver como é, para ver é necessário participar das reuniões. E assim foi tô a quase quatro anos". Para ele o jornal é uma família, apesar de existir divergências, diferenças, discussões, porém tudo se resolve. "A gente discute, mas acaba tudo dando certo. Digamos assim, a família no final da noite vai todos dormir felizes. Depois da reunião vai todo mundo para a sua sinaleira, para o seu ponto de referência para vender o material feliz. Quer dizer, o Boca de Rua para mim é uma família".

"O Boca me conheceu". Cícero Adão Gomes de Almeida tem dezoito anos de rua, participa do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) e trazia há anos novidades do Movimento para o jornal. "Eu trazia muita pauta para o Boca de Rua e o Boca me convidou para fazer parte do grupo.. Eu vinha e dizia: 'Tenho novidade'. Aí os caras: 'Em vez de tu trazer novidade, por que tu não entra no Boca?'. Agora que tô no Boca são quatro anos, mas só dando novidade do Movimento são oito anos". Cícero esclarece a realidade de quem mora na rua que começa uma nova vida. A rua o abraçou e para a relação dar certo precisou entrar na lei dela. Com o Movimento e o Boca, Cícero aprendeu a gostar das outras pessoas, porque na rua



Cada pessoa do grupo ganha uma cota de jornais para vender. Crianças não podem vender.

ele sofreu com atitudes daqueles que não gostavam dele, existia a desconfiança constante sobre as outras pessoas. “Eu aprendi a me socializar com as pessoas, eu aprendi a ter meus irmãos do lado. O Boca me deu esse chute para eu aprender a sobreviver de novo nessa vida. Aí eu retomei minha vida de volta, retomei os meus parentes. Hoje eu falo com meus irmãos, com minha ex-mulher, com meus filhos (tenho dois filhos)”. Através do projeto e do MNPR, os integrantes começaram a lutar pelos direitos dos moradores de rua. Além disso, contribuíram diretamente com os dois Centro POP, a casa de Vínculo que será inaugurada em novembro deste ano, eles conseguiram retornar com o Restaurante Popular. “Nós conseguimos retornar como bandeirão. Dizemos que o bandeirão é direito nosso. Nós conseguimos com a nossa voz da rua, o Boca de Rua e o Movimento. Foi os dois que conseguiram”.

Sobre outras histórias Cícero conta sobre a ideia da capa dos Beatles moradores de rua que foi além de ser um jornal que fez sucesso, também foi uma homenagem para o seu irmão fã da banda. “Meu irmão mais velho é fã de Beatles. Eu estava vendendo um jornal para um cara que vende quadros. E um dos quadros era dos Beatles, daí eu vi isso aqui [quadro] e comprei o quadro para o meu irmão. Mas pensei ‘Por que não faço os Beatles de moradores de rua?’ Eu projetei a capa e tirei a foto”. Ele brinca que sua história com o Boca sempre vai existir e mesmo se casasse a esposa precisaria entender essa relação. “Eu vou continuar no Boca, porque do Boca eu não largo nunca mais. Mesmo que eu casar, tiver minha mulher, ela vai ter que aguentar o Boca do meu lado”.

O jornal Boca de Rua nasceu no inverno de 2000, não tem dia certo, nem mês certo. Na Praça Dom Se-

bastião, mais conhecida como Praça do Cachorrinho, em frente ao Colégio Rosário, os primeiros integrantes do Boca e duas jornalistas da ALICE começaram a imaginá-lo. Cada detalhe do projeto foi construído coletivamente, pensado por todos e debatidos por todos. Essa é a essência do grupo que permanece até hoje: agir de forma conjunta.

A concepção da marca foi elaborada, principalmente, por Riquinho, um dos fundadores. O Boca de Rua tem nas pontas do seu nome dois símbolos de igualdade, que representam o desejo de direitos iguais. A preposição “de” é criada com o desenho de um tridente, que faz referência à autoimagem que a sociedade pensa sobre os moradores de rua. E o desenho da boca reporta ao quadro “O grito” de Edvard Munch, além disso, significa o gritar, o berrar daquelas pessoas que não tem voz. Rosina Duarte menciona que quando apresenta o Boca para publicitários, pergunta se eles seriam capazes de fazer um projeto como aquele, pois o original foi feito a mão. “E isso foi feito em um banco de praça em um dia de neblina, tanto que o original é todo pingadinho, infelizmente não sei onde está. [A arte] é toda tremidinha, porque o banco era de cimento granitado. Uma criação sofisticadíssima. E quem disse isso, não sou eu, mas a Cris que é design”. Para a jornalista o nome é genial, pois uma boca de rua é o local que passa todos os ventos, é desprotegido para uma pessoa. Na primeira edição, a capa tem o título “Vozes de uma gente invisível”.

O processo de fazer a publicação é, basicamente, transpor da linguagem oral para a escrita. Rosina conta que, no início, todos que participavam eram analfabetos funcionais, mas hoje a realidade é diferente. “Mesmo os que escreviam tinham dificuldades em transpor a riqueza de suas vidas para o papel, escrevendo, falando. O que começamos a fazer foram textos coletivos e transpondo nós mesmos para o papel. Parece simples, mas não

é, porque esse texto vai e volta, vai e volta. Hoje, alguns deles já fazem matérias sozinhos e independentes, inclusive tomando iniciativa para a escolha do grupo. Sempre tudo é submetido ao grupo”. Edson José de Sousa Campos participa do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) e por meio dele conheceu o projeto. Para ele fazer as matérias para o jornal é necessário ter um pensamento coletivo, pois cada um pensa diferente, porém, no fim, consegue chegar ao um resultado único. Edson explica que o valor de fazerem esse trabalho é terem um espaço para mostrar os e lado. “A importância é mostrar para os outros que a gente não é invisível. É o mais importante de tudo”.

Outro membro, José esclarece que para fecharem o jornal são realizadas três pautas. Para exemplificar comenta sobre a matéria realizada com a participação dele sobre o fechamento do Parque da Redenção. “A gente vai atrás, conversa com o pessoal. Primeiro, no caso, quem fez a ideia. Quem teve a ideia de fechar o Parque? O vereador fulano de tal, vamos lá falar com o vereador. Não conseguimos encontrar ele, estamos esperando essa semana um contato. Como não conseguimos falar com ele, a gente foi conversar com mais dois: com outro vereador que é contra projeto e o outro que é a favor. Porque a notícia nunca pode ser de um lado só. Nós sempre buscamos conversar com os dois lados ou colocar os dois lados. Porque a gente vai em busca da matéria, a gente não tá colocando uma ideia nossa, entendeu? A gente tá colocando a ideia deles, o porquê, os motivos”. No Boca, é trabalhada a questão da ética e da informação, ou seja, procuram sempre não colocar algo sobre alguém que não foi ouvido. Para exercitarem essa clareza, eles utilizam os elementos da matéria jornalística: o que, quem, por que, como, onde, quando.

A pré-edição é realizada nas reuniões que ocorrem no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa todas as terças-feiras. Rita de Cássia explica que através

dessas reuniões de pautas, os componentes do grupo sabem o que está acontecendo na cidade e podem debater sobre os assuntos, além disso, se preparam para realizar suas matérias. “Porque pensamos o que vamos falar, porque não podemos chegar e falar errado. Por isso chegar e participar nas reuniões para saber das coisas. O que tu vai falar, o que tu acha certo, o que tu acha errado”.

A edição definitiva é feita pelo Rosina desde o primeiro número, incluindo todas as edições. Além disso, a design Cristina Pozzobon também desde o primeiro número, incluindo todas as edições. A jornalista destaca que a Cristina, às vezes, aparece para discutir com eles como será o formato do impresso. “Foram eles que decidiram tornar o jornal colorido,

abrir as fotos, porque eles vendem para pessoas que enxergam de longe. Todo o sistema de venda, nós não interferimos, foram eles que elaboraram, pois depois que fizemos o projeto descobrimos que não sabíamos vender e aí era um desastre. Eles mesmos tiveram que se ajeitar e é importante também”.

O Boca de Rua é um projeto híbrido formado por moradores de rua e por outros profissionais. Ele é multiprofissional. Atualmente, trabalham no periódico trimestral psicólogo, cineasta, antropólogo, jornalistas, design.



Reunião para definir a pauta do jornal Boca de Rua

Trago, alento e amizade

Jonata Fabris e Lucas Pfeuffer

Não depositar a confiança em estranhos é uma das primeiras coisas que os pais ensinam aos filhos. A gente cresce, aprende mais outras coisas, mas nunca esquece que estranhos são estranhos.

Existe um momento, uma exceção à esta regra primária. Quem dedica boa parte de sua vida à um clube de futebol, direta ou indiretamente, sabe o que estou falando. Quem é torcedor apaixonado pelo seu time mal conhece os onze marmanjos que estão lá no campo correndo atrás de uma bola. Eles não fazem ideia de quem somos, quais os nossos nomes. Mas isso não importa. Simplesmente, por vestirem a mesma camiseta que exibimos com orgulho ao sair na rua, que nós confiamos neles, estranhos.

Como o futebol não se limita ao campo, o mesmo vale apenas para os jogadores. Os outros torcedores também são pessoas que não conhecemos, cada um com sua história e seus motivos pra estar naquela arquibancada. Como já foi dito uma vez, “a arquibancada forma caráter”. Nela, a gente fomenta a paixão por um clube, vivendo, na máxima das experiências, a dor da decepção e a alegria eufórica. O futebol emula as relações humanas da forma mais dramática possível. Eu já perdi a conta de quantas vezes já abracei senhorinhas, bêbados, tiozões e todos tipo de gente estranha quando meu time fez um gol. Nunca fiz amigos na arquibancada, apenas conheci parentes. Meus parentes de causa. Sofremos, cantamos e comemoramos juntos e nem preciso saber seus nomes.

Entre conversas de bares, amor pelo Grêmio e bitucas de baseados, nasceu uma das torcidas mais representativas de um clube no Brasil. Com um estilo que

se assemelha ao jeito sul-americano de apoiar o clube nas arquibancadas, as torcidas organizadas ganharam força no Brasil no início do século XXI. A Geral do Grêmio foi criada em 2001, trazendo o padrão Barra Brava (nomeação de que se dá a esse tipo de torcida) em parte da torcida do tricolor. A Geral é uma torcida organizada que não cobra mensalidade, não é uniformizada e não tem controle de participação. A única exigência para ficar no meio dela é o “apoio incondicional”, ou seja, cantar durante os 90 minutos, independente do placar do jogo. Bumbos, cornetas, bandeiras, faixas e muita guela são o instrumentos da Geral para incentivar o clube. Seus cânticos são adaptações de ritmos argentinos e uruguaios, além de versões de músicas gaúchas e brasileiras famosas, como “Eu sou do Sul” e “Whisky a Go Go”. Influenciados por ela, surgiram dezenas de outros movimentos de torcedores de grandes clubes do futebol brasileiro.

Acompanhar um clube, seja nos momentos bons e principalmente nos ruins, é o lema que pauta a característica principal da Geral. Sempre presente na arquibancada, viu o Grêmio ser rebaixado, ajudou ele a subir. A Alma Castelhana, como foi chamada por alguns na sua criação, também tem suas controvérsias - o histórico de brigas com torcidas rivais, confrontos com a polícia, consumo de drogas durante os jogos, fez a prática ser mal-vista. Tudo isso, ainda que politicamente incorreto, são atributos de uma torcida organizada que se preze e que acima de tudo, que tenha paixão pelo clube que apoia.

Há quem diga que o torcedor de organizada é mais torcedor porque canta sem parar em amor ao clube, ou é menos porque mal presta atenção na partida e que vaiar também é legítimo. Na verdade isso não importa, seja nas cadeiras, nos camarotes, na arquibancada, na organizada, cada um tem sua forma de expressar a

paixão pelo time: esbravejando, chorando, cantando, bebendo, ficando mudo, tanto faz. Já disse e preciso repetir, o que interessa aqui é a causa comum: torcer.

Dentro desse sentimento, nascem ícones, nascem figuras representativas. Uma delas, que já há algum tempo frequenta os jogos do Grêmio, usa bombacha e chapéu no dia-a-dia e, principalmente, nas partidas do Tricolor Porto-Alegrense. Desde bem pequeno, ele frequentou o Olímpico e hoje vibra com a Arena. Assistiu a grenais em que metade da arquibancada era azul e a outra metade vermelha. Era um jogo diferente, especial. Gostava de pensar que fosse único. Mas após um tempo, viu mudar a forma de torcer no Rio Grande do Sul. Essa torcida do Grêmio, a Geral, representou uma inovação do futebol gaúcho, afirma. O Gaúcho da Geral, Juliano Franczak, tem muitas histórias para contar. Uma lembrança que ele nutre com orgulho é a do primeiro jogo da final da Copa Libertadores da América de 1995, contra o Nacional de Medellín. Aos 15 anos, conta que tomou seu primeiro grande porre e viu Grêmio sair com uma mão na taça, que realmente seria ganha na partida de Medellín. Sua história pessoal se mistura com a da torcida do Grêmio desde o momento daquele relevante porre de cerveja e felicidade.

Num sítio no interior de Novo Hamburgo, o gaúcho cuida de seus animais e carrega consigo, desde pequeno, o amor pelo Grêmio Futebol Porto Alegrense. Entre um gole de chimarrão e afago no seu cachorro, ele lembra como se foi se tornando o torcedor símbolo de uma torcida. A paixão pela lida do animais em sua fazenda e por acompanhar os jogos do Grêmio no estádio fez com que Juliano criasse o hábito de carregar sempre uma camisa do Grêmio dentro do seu carro. Assim, caso conseguisse uma brecha no serviço, poderia voar para o Olímpico Monumental para cantar e exaltar o tricolor de Porto Alegre.



Foto: Divulgação

Torcida comemora gol em jogo do Grêmio

De bombacha, lenço, guaiaca, chapéu, botas e bandeira do estado, nunca se furtou de subir mureta ou alambrado para comemorar os gols do Tricolor. Não tinha como não ficar em evidência. A partir disso, ele ficou conhecido não somente entre os torcedores, mas também pela governança do clube. Hoje, Juliano é um dos representantes da torcida no Conselho do clube e leva as reivindicações e necessidades dos torcedores para os dirigentes.

Fanático pelo clube, o Gaúcho da Geral não se importa em desmarcar compromissos, adiar alguns prazos, fazer concessões com sua esposa em troca de poder acompanhar o seu time. Desde que começou a visitar o Estádio Olímpico, antiga casa do Tricolor, Juliano e seus amigos não medem esforços quando se trata de Grêmio. Dessa maneira, em uma das grandes crises no time de Porto Alegre, quando em 2004 o time caiu para a Série B do Campeonato Brasileiro, que a primeira e mais cativante torcida organizada do país se estabelece como uma metonímia do clube. E agora, em tempos de Arena, a Geral segue no mesmo ritmo do velho casarão, cativando mais Julianos, tiosões, senhorinhas e bêbados apaixonados pelo Grêmio.

A história e a religião por trás de um terreiro

Foto: Danielle Della Passe da Silveira



Zé Pilintra, exu de pai Luiz, dança com os filhos e visitantes.

As religiões de matriz africana foram incorporadas à cultura brasileira quando os primeiros escravizados desembarcaram no país, trazendo com eles sua milenar cultura e formas de cultuar Deus e outras entidades transcendentais. O povo africano encontrou na religiosidade uma forma de preservar suas tradições, idiomas, conhecimentos e valores trazidos da África.

Porém, essas religiões, assim como toda cultura proveniente dos povos africanos, foram perseguidas, e até proibidas em determinados momentos históricos. Apesar de ser o berço da construção da nossa cultura nacional, ainda existe muita ignorância em relação a essas culturas.

Além da interligação do humano com o divino, estas religiões cumprem um importante papel social na vida de seus adeptos. A dura vida do trabalho forçado, a marginalização e o racismo que os acompanha desde os primórdios da escravidão, encontrou nos terreiros, sob a

Danielle Della Passe da Silveira

proteção dos Orixás, um importante lugar de liberdade e experiência cidadã. Os terreiros das religiões de matriz africana são um privilegiado lugar de integração social e formação cultural.

Para entender um pouco mais sobre essa religião, acompanhei durante um período de tempo, um terreiro em Sapucaia do Sul, dos pais de santo Luiz Carlos de Oliveira e Janaína Cristina de Moura.

Luiz e Jana estão na religião há 24 anos. Eles decidiram entrar por questão de doença; Luiz tinha ataques epiléticos com frequência e os médicos não encontravam a solução. Foi através da religião que Luiz foi curado: numa festa de terreira, o preto velho Pai José disse a Luiz que ele teria um ataque epilético forte no dia seguinte, pela última vez, e depois não teria mais. Foi então que isso aconteceu, e os dois decidiram entrar para a religião e fazer as obrigações e trabalhos, para retribuir o favor que lhe concederam. Obrigação, na umbanda, é um cruzamento



Bebidas, cigarros e frutas para a festa

entre a pessoa e o espírito, um processo de purificação do corpo, para que se possa receber um espírito.

Eles decidiram abrir o próprio terreiro há 15 anos, quando começaram a se incorporar e ver que aquilo era de verdade. O pagamento de Luiz, pelo favor que lhe fizeram de acabar com seus ataques epiléticos, foi seguir a religião e não cobrar dos seus filhos de religião, em agradecimento.

Para abrir uma casa de religião, ser um pai de santo, é preciso de toda uma doutrina. É preciso aprender sobre a religião, assim como um padre, ou um pastor. Ter filhos na religião é ensinar sobre ela, encaminhar as pessoas, mostrar o que é certo e errado. No terreiro de Luiz e Jana, tem a Nação Cabinda, a Umbanda Universal e a Quimbanda.

A Nação (popularmente conhecida como Batuque, no Rio Grande do Sul) tem seu culto voltado aos Orixás, e é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, como as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô. A

diferença da Nação Cabinda para as outras se dá basicamente nos procedimentos, realização e execução dos rituais nas obrigações. Apesar de diversas nações o culto é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis. Orixás são ancestrais divinizados africanos, que correspondem a pontos de força da Natureza.

Umbanda é uma religião que sincretiza vários elementos, inclusive de outras religiões, como o catolicismo, o espiritismo, as religiões afro-brasileiras e a religiosidade indígena. O trabalho da Umbanda é dividido em duas linhas principais. Cada uma destas linhas apresenta um tipo de culto específico, com entidades diferentes para cada uma. Seus cultos são realizados, geralmente, em dias e locais separados. Em uma das linhas, o trabalho é realizado com caboclos, pretos-velhos, e outros espíritos que se caracterizam por já possuírem uma elevada condição moral, são espíritos puros. A outra linha da Umbanda é a Quimbanda.

A Quimbanda é uma ramificação da Umbanda, nela são realizados trabalhos com espíritos de exus e pombagiras. Estes, não possuem uma distinção moral elevada, como as outras entidades. Por essas amoralidades, por serem mais plano terra, estes espíritos podem fazer trabalhos tanto para ajudar, como para prejudicar as pessoas, basta que lhes seja pedido. Assim como qualquer religião, dentro da quimbanda, existem várias linhas de desenvolvimento, mas o princípio de trabalhar respeitando as leis da Umbanda é fundamental, uma vez que estas entidades são comandadas pelas entidades da Umbanda, que é sua matriz.

Os agradecimentos na Umbanda são os pontos, como as orações na igreja. Os pontos são as vibrações para chamar os espíritos e dar a vibração para as pessoas. Pretos velhos e caboclos prestam as caridades, são puros, resolvem problemas.

Frequenta-se a Umbanda para receber conforto, para conversar com os caboclos, pretos velhos, levar um passe, se aliviar. Já na Quimbanda, frequenta-se pra falar coisas mais mundanas, sobre as coisas da vida. Os exus trabalham para abrir caminho para a umbanda. A Umbanda governa a Quimbanda, o caboclo governa o exu. Enquanto a pessoa não fizer obrigação na Umbanda, ela não se desenvolve na Quimbanda.

Os trabalhos nas ruas são feitos a pedidos das entidades. As oferendas são para pedir favores para as entidades. Tudo é uma troca. Isso é chamado de axé.

Cada pessoa se apronta na nação, para poder levar seus santos para a própria casa. Depois de um tempo frequentando a religião, as entidades podem ajudá-la não somente quando está na terreira, mas sim em todos os momentos.



Foto: Danielle Della Passe da Silveira

Maria Mulambo, pombagira de mãe Jana, dança

A pessoa chega na religião “crua”, e com o tempo vai aprendendo e preparando seu corpo. As obrigações são uma forma de fortalecimento para os caboclos e exus poderem chegar no corpo das pessoas. Pois, se ela não está preparada para receber o espírito, pode se machucar. É preciso passar por todo um processo para poder receber seu exu ou pombagira. Para receber as entidades, ganhar falas, é preciso passar por provas, para ter certeza se realmente está chegando um exu ou pombagira, ou se é a pessoa que está achando que está chegando. Mulheres podem ter pombagira e exu. Cada pombagira tem seu exu correspondente. Os homens não recebem pombagira, somente exu.



Todos reunidos para a festa: pais, filhos e visitantes do terreiro

As mulheres não podem receber enquanto estão menstruadas, pois, para a religião, estão impuras em decorrência do sangue. Como os caboclos são extremamente puros, não é permitido qualquer tipo de impureza.

Pais e filhos são castigados e cobrados por todas as coisas erradas que fazem na religião.

A Umbanda foi feita para fazer o bem a todos. A riqueza pedida para a religião é a saúde, sentir-se bem. Pai Luiz e mãe Jana contam que há pessoas que estão dentro da religião para patifaria, que usam a religião para fazer coisas ruins. Porém as entidades repudiam. Mas afirmam que pessoas que usam da religião para fazerem coisas ruins existem em todos os lugares, em todas as religiões.

Hoje, os pais do terreiro têm cerca de 30 filhos no

total. Eles não cobram nada dos filhos, a não ser uma ajuda de custo mensal, de 20 reais, para ajudar nas despesas da casa (terreira), pois a casa é de todos, portanto, responsabilidade de todos.

Atualmente, os pais da casa se sustentam vendendo panos de prato e controles no centro da cidade de Sapucaia. Eles não dependem da religião para sobreviver, apesar de terem um terreiro. Pai Luiz diz que vive para a religião, mas não vive da religião. Ele vive e trabalha hoje na terreira ensinando os filhos, como uma forma de agradecimento por tudo o que a religião já fez, e ainda faz por ele.

Existem muitas coisas que envolvem a religião. A história, as entidades, regras, são tantas, que é muito difícil ter total conhecimento sobre ela. É como Luiz diz, um pai de santo morre de velho, mas não aprende tudo o que tem pra aprender sobre a religião. O que fica é um processo constante de aprendizado e ensinamento, de um para o outro.

A igreja no lugar da balada

Cássia Oliveira

Não sigo boatos

Modismo ou teorias

Eu sigo fatos

Jesus Cristo e a Bíblia

Me chamem de careta

Cristão ou crente

Num mundo de iguais

Eu sou diferente

É sexta-feira. São 21h no relógio e a noite limpa está perfeita para sair e tomar uma ceva ou curtir uma balada. Mas um grupo de cerca de 30 jovens está sentado em uma Igreja, com suas Bíblias no colo, falando sobre um homem: Jesus.

Caminhando pela Igreja à procura dos melhores ângulos está um menino, que mira, com sua Canon T31, algum detalhe que lhe renderá uma boa foto. Esdras Nunes, 21 anos, pele alva e cabelo escuro, tênis de running nos pés, às vezes deixa a barba crescer, outras, inventa um “bigodinho século XIX” – estilo Machado de Assis, sabe? Ele anda por aí peregrinando no mundo ora em cima do seu longboard, ora na sua prancha de surf, ora em uma corda de rapel.

Em julho deste ano, Esdras começou uma viagem pela Patagônia com dois amigos (que também são cristãos): Jeremias Gonçalves, de 21 anos e Márcio Schors, de 20. Eles partiram no dia 11 de julho e durante um mês percorreram o Fin Del Mundo (uma região que passa pela Argentina e pelo Chile), viajando a pé, às vezes, de carona na caçamba de uma velha caminhonete. Acampando, cozinhando as próprias refeições e bebendo água de córregos gelados. Carregando suas “casas” nas costas.

A ideia de fazer um mochilão pela Patagônia, mel-

hor dizendo; de viver uma aventura – Esdras não gosta da palavra mochilão “Hoje em dia no Brasil tem aquela visão que mochileiro é aquele cara hippie, não quero dizer mal né... Ah! Aquele cara de dread, sujo. Nos EUA a gente chama de backpacker, que é uma coisa totalmente profissional e que é o que eu faço” – surgiu na infância. “Eu sonhava em ver as montanhas de perto desde que eu tinha uns 5, 6 anos”. O sonho era compartilhado pelos três amigos desde moleque. Esdras conta que outros também queriam viajar, mas não tinham um desejo tão forte pela aventura como ele, o Jeremias e o Márcio. No fim, foram apenas três que persistiram no sonho. “Deus colocou as pessoas certas comigo”. Esdras crê que foi a “mão de Deus” preparando tudo para a viagem. Os três amigos conseguiram dispensa do trabalho e da faculdade ao mesmo tempo. Esdras e Márcio saíram do emprego e Jeremias entrava de férias da faculdade na mesma época.

A preparação para a viagem teve duas etapas: muita pesquisa e a preparação física. Os meninos já vinham estudando há 4 anos atrás: desde culturas das regiões, livros, experiências de pessoas que já foram, a práticas de sobrevivencialismo, apesar de ainda não terem, naquela época, definido o lugar que iriam. Precisaram também preparar o corpo para longas caminhadas, as chamadas tracking: o treino era baseado em caminhadas de 2h por dia.

Esdras e alguns amigos já faziam mochilão há algum tempo pelo Rio Grande do Sul durante feriados ou no período de férias. Foi com essas andanças que ele ganhou experiência e colecionou os equipamentos especializados que uma grande jornada pede.

Em um desses mochilões pelo estado, ele conta que teve sua maior experiência com Deus: “O que Deus me usou, eu um homem pecador! Deus me tocou de uma forma... num momento que eu estava distante da igreja”.

Em Capão da Canoa, um homem se aproximou dele e de dois amigos, dizendo que estava longe da família e que precisava de ajuda. Esdras conta que, no primeiro momento, foi chato com o pedinte porque já tinha sido assaltado daquela maneira e respondeu que não tinham nada para dar. Ele diz que quando terminou de falar o Espírito Santo o tocou e sentiu que Deus mandava falar com aquele homem. “As palavras vinham como um cuspe; era tipo ‘VUM, VUM’. E ao mesmo tempo que eu pregava pra ele, eu pregava pra mim. ‘Cara, eu quero dizer pra ti que eu não sou um cara perfeito.

Cara, eu também sou pecador, eu ando distante dos caminhos de Deus, eu quero voltar, eu sou como tu. Mas, Deus me manda dizer pra ti e sabe? Eu to junto contigo, eu também quero, é difícil, mas eu quero



buscar a Deus.’ E as palavras vinham, vinham...”.

Esdras lhe entregou 2 reais e o homem maltrapilho disse “Olha eu vou pegar esse dinheiro e não vou usar pra droga nem nada, eu vou usar esse dinheiro aqui oh numa lanhouse pra adicionar vocês no Facebook porque vocês vão vê uma coisa...” e se mandou, sem dizer mais nada. Depois de um tempo ele voltou e falou “Cara, eu quero te dizer uma coisa: eu era dos Gideões Missionários e eu pregava a Palavra de Deus, mas por coisas banais eu acabei me decepcionando, fugi e to muito longe da minha casa, agora e se tu olhar meu

Facebook vai ver que é verdade”.

O homem desconhecido cumpriu sua promessa e mandou um convite de amizade para os três jovens. Esdras e os amigos olharam o perfil dele e ficaram perplexos ao verem que não mentia. A foto de perfil era de um homem bem vestido com uma Bíblia pregando nos Gideões Missionários da Última Hora (o maior Encontro de Missões do Brasil). No perfil do ex-pregador havia mensagens de amigos e parentes que perguntavam sobre seu paradeiro e suplicavam sua volta “Onde tu tá, tu tá vivo? Por favor, responde!”. Depois do encontro com o desconhecido em Capão, Esdras manteve con-

tato com Hudson Teilor Rodrigues via rede social e pode acompanhar sua reabilitação e sua “volta para Cristo”. “Eu estou vivo” foi a primeira publicação dele no Facebook depois de seu retorno.

“Quando estávamos chegando na Patagônia,

quando dobramos uma montanha na estrada e vimos aquele campo com vegetações amarelas, verdes e vermelhas, a gente se olhava e não tinha uma palavra pra dizer um pro outro. E a gente imaginava... o que seria então o Céu? Quando estávamos descendo para a cidade de Bariloche começou a nevar. Era como se Deus estivesse nos recebendo.”

A escolha do lugar que os meninos iam acampar para passar a noite era meticulosamente planejada. Esdras explica que os lugares em que andavam eram muito distantes das cidades. Na Argentina, por

exemplo, existiam muitas fazendas que ficavam em regiões montanhosas e de vales, caso alguém não se agradasse da presença deles poderia muito bem “dar umas balas” que ninguém nunca iria ficar sabendo. “Nem todo mundo sabia que estávamos naquela região, se a gente some nunca mais iriam nos achar”.

Durante uma noite, quando os três rapazes estavam acampados em um campo de frente para o mar, eles enfrentaram uma tempestade de neve muito forte. “Eu pensei que eu ia morrer”, confessa Esdras. As jaquetas de neve e a barraca antitérmica não foram suficientes para proteger o grupo do frio cortante da Patagônia. Os amigos deitaram bem perto um do outro, abraçados, para se manterem vivos. Esdras conta que o frio era tanto e o barulho do vento sacudindo a barraca era tão frenético, que ele não conseguia adormecer. O tempo que ficou acordado tentava falar com os amigos e os tocava para garantir que estavam bem, que estavam vivos. O menino de fé orou a Deus pedindo proteção e, depois de um tempo, o corpo cansado sucumbiu ao sono. Quando eles acordaram e abriram a barraca viram um novo dia, totalmente diferente, um dia lindo de sol e apenas calma. “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pelo amanhecer” Salmo 30:5.

Esdras conta que a aventura foi também um retiro espiritual em que ele pôde depender totalmente de Deus “Assim como os apóstolos saíram e seguiram Jesus, dependendo dele”. “O tempo todo lá era mágico! Era uma paz tão grande, uma coisa que vinha de Deus, sabe?”.

“Quando eu deito na cama era como se eu tivesse velho, já tivesse minha casa, era como se o tempo tivesse passado e se lembrasse daquela viagem que tu fez com teus amigos muitos anos atrás.” Sobre sua fé ele explica “Eu não to aqui (na igreja) porque alguém me impulsionou a Palavra (Bíblia), mas porque Deus se revelou a mim, se fez real a mim. Não foi por que eu

ouvi a Palavra desde pequeno na igreja. Não foi porque alguém me alienou na igreja, como dizem. Foi porque Deus se revelou a mim e eu entendi o porquê de Jesus ter morrido na cruz”.

E quem acha que perdi
Não sabe nem metade
Do que eu já vivi
Minha vida com Deus é uma aventura
Já vivi tanta coisa que não cabe
Nessa música

Um artigo publicado no jornal britânico Daily Telegraph, da jornalista Rachael Dove, anunciava um novo comportamento da atual juventude na Europa e nos EUA. A chamada “Geração Bocejo” estaria substituindo a Geração “sexo, drogas e Rock’n’Roll”. No reino Unido, 31 bares fecham a cada semana e, na Espanha, a porcentagem de jovens que consomem drogas pela primeira vez caiu 6% nos últimos 5 anos. Nos EUA, os adolescentes são menos ativos sexualmente do que eram há 20 anos.

No Brasil, a geração de “jovens velhos” não é muito notável. Pesquisas feitas no país apontaram que metade dos jovens consome bebidas alcoólicas e que o consumo se inicia aos 15 anos. Em relação aos relacionamentos, 25% dos namoros duram entre um mês e três meses. Mas, essa nova geração pode ser representada no país, em sua maioria, pelos jovens que se declaram cristãos protestantes.

A juventude cristã parece que cultiva certo tipo de contracultura. Uma maneira diferente de ver a vida, com olhos no passado. Eles não apenas se tratam como irmãos ou se expressam de modo religioso dizendo “Paz do Senhor, irmão!”, ao se cumprimentam, ou “Glória a Deus!” como maneira de adoração. Eles pautam todos os aspectos da vida na Bíblia, que consideram um guia de fé e prática. Inclusive seus rela-

cionamentos amorosos. Acreditam que o casamento não é uma instituição falida e que o amor à moda antiga ainda é possível em pleno século XXI.

Dizem que ficou brega se casar
Arriscado se envolver
Que falta tempo para a mesa sentar
Muitos colegas, poucos amigos
Diálogos cheios de monossílabos

“A minha juventude como cristã foi muito boa!” conta Magali Silva, de 53 anos. Professora com 35 anos de magistério, hoje, aposentada. Uma mulher negra de 1m83cm de altura. Mãe de um adolescente e uma jovem. Evangélica e esposa de Pastor.

Quando criança, Magali e seus irmãos eram levados para a igreja por sua avó. Quando todos eles cresceram optaram pelo evangelho, apesar dos pais não serem cristãos. Ela conta que sempre foi muito ativa nas atividades da igreja e brinca “Minha mãe dizia por que eu não mudava a minha cama lá para o porão da igreja”. “Eu tinha ensaio segunda, culto terça, ensaio quarta, culto quinta, ensaio sexta, culto sábado, domingo de manhã eu tinha Jejum e Oração, depois Escola Dominical, depois do almoço tinha ensaio dos grupos”, conta, feliz.

Magali conta que na sua juventude não se preocupava, como outras meninas, em arrumar um namorado, porque seu foco sempre foram os estudos. Com 15 anos já estava dando aula, com 18 já era diretora de escola “Eu me criei com livro embaixo do braço, a minha família primava pela educação. Nós ouvíamos música clássica em casa. Meu pai trazia pra casa o Correio do Povo, Folha da Manhã, Fôlha da Tarde e Zero Hora. Nós líamos desde pequeno os quatro jornais. Coisa que não era comum em família negra e pobre”. Magali e sua irmã eram as únicas jovens da igreja em que congregavam, na cidade de Alvorada,

fazendo faculdade. Ela conta que naquela época as mulheres se casavam muito cedo, lá pelos 15, 16 anos.

“Senhor agora eu quero casar, me mande a pessoa que tu preparaste pra mim”, Magali pediu com seus 25 anos. “Então o que era importante pra mim: que fosse um homem comprometido com Deus, que gostasse das coisas porque eu era muito envolvida com as coisas de Deus, que me amasse, que fosse trabalhador porque meu pai sempre dizia que não ia sustentar vagabundo (risos)”. Um pedido especial a Deus também foi feito: que o rapaz tivesse 2m de altura e que tivesse um pé e uma mão maiores que as de Magali.

Num culto a noite, na igreja onde congregava,



Foto: Arquivo pessoal/ Magali da Silva

apareceu um rapaz bonito, negro e bem alto. Todos pensaram com seus botões que ele era um par perfeito para a jovem mais alta da igreja, considerada já, naquela época, uma solteirona. Naquela noite, depois do culto, Magali orou pedindo uma confirmação a Deus se o rapaz novo da igreja era a pessoa ideal para ela. Os cristãos acreditam que Deus pode falar através da Bíblia, de profecias, sonhos e visões. Uma das confirmações que pediu foi que ele falasse com ela, porque até aquele momento não tinha mostrado interesse. A segunda oração foi feita num dia antes de sair para um ensaio da igreja. Magali conta que feita a oração “levantei, limpei os joelhos, peguei minha bolsa, abri a porta. Quando eu cheguei no portão ele estava passando, aí ele olhou bem pra mim e disse bem assim ‘Oi, maninha, tudo bom?’ E eu tremia tanto que mal consegui responder pra ele e me agarrei na cerca, fiquei com as pernas bambas, sabe? Porque eu havia feito uma oração não fazia nem 3 minutos! E ele nunca tinha me cumprimentado (risos). Pra outros pode parecer bobagem, mas pra mim foi importante”.

“Achado foi. Escrito está. Selado foi” foi a segunda confirmação que, segundo Magali, recebeu de Deus, através de sua irmã, depois de uma noite em oração. “Essas três frases, que eu nunca mais esqueci, foram ditas há 31 anos”.

Sobre a escolha de vida dos jovens cristãos ela afirma “Tu não tem que te preocupar com aquele que não é (crente) e o que ele pensa, ele tem a maneira dele ser, nós respeitamos, não quer seguir a Cristo? Ninguém é obrigado! Mas nós temos que ser respeitados pela nossa maneira de ser. Antigamente a gente era apedrejado, tinha chacota. Hoje em dia, o cara famoso fez um gol lá, agradece a Deus, aí tu descobre que ele é cristão!”. E lembra “Nós vivemos em uma sociedade em que as pessoas devem ser respeitadas, independ-

ente das opções que elas fazem, essa é a minha opinião, opção sexual, opção religiosa, aquilo que a pessoa resolve adotar como maneira de viver, não pode chegar discriminando, agredindo...”

Ainda acredito no amor
E minha fé não é filosofia
Não me leve a mal,
Mas não curto carnaval
Peço benção pros meus pais
Eu acredito na família
Eu tenho um coração moderno ã
moda antiga



Uma noite indiana em Porto Alegre

João Pedro Godoi

Em 1966 o pensador indiano Srila Prabhupada fundou em Nova Iorque a ISKCON, sigla em inglês para Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna. Com o tempo a ISKCON se espalhou pelo ocidente. A unidade de Porto Alegre funciona no bairro Azenha, onde os devotos vão para, como sugere o nome da sociedade, se conectar com a consciência de Krishna.

Uma casa comum no bairro Azenha abriga uma enorme manifestação cultural. Ao entrar, o número de calçados próximos à porta que dá acesso ao salão indica que a noite é especial para os Hare Krishna's que frequentam o ISKCON Porto Alegre. O clima é de alegria e diversão. As músicas confirmam o que o ambiente indica. Cores e cheiros completam o enredo. É dia de festival. Todos estão juntos para celebrar o Balaram Jayanti.

O som é conhecido. "Hare Krishna, Hare Krishna, Hare Krishna, Hare, Hare...". O espaço não é muito grande, porém é suficiente para aqueles devotos. Quem chega, se senta no chão e canta ou somente acompanha o ritmo com palmas. Os quadros na parede chamam a atenção com suas cenas mágicas. A decoração é de festa. Há alto-falantes, microfone, instrumentos típicos da Índia e uma cozinha exalando cheiros diversos.

A cantoria só é interrompida para o anúncio de que Sarva Prestha das chegou. Em breve ele vai palestrar sobre uma passagem em que Balarama enfrentou um exército. Prestha das usa uma roupa indiana branca. Senta com as pernas entrelaçadas. Na sua frente está o microfone e acima de sua cabeça um retrato de Krishna com crianças à sua volta. Em um sinal dos tempos, Sarva saca um tablet e procura nele o texto que narra a aventura de Balarama. A palestra é bem humorada, contém várias tiradas sarcásticas. Enquanto escutam

as histórias, os devotos fecham seus olhos em um sinal de respeito e de que estão vendo através de sua imaginação as cenas narradas por Prestha das.

Após a palestra, o presidente da ISKCON Porto Alegre começa a falar sobre as oferendas. Foram feitos mais de 100 pratos. Eles, obviamente, contêm o melhor da culinária védica. O presidente diz que virou a noite preparando os pratos. E quando achou que não chegaria ao número que julga ser o certo, começaram a chegar devotos com vários pratos para compor a oferenda, em uma ilustração do tamanho da coletividade dos Hare Krishna's.

Após a palestra e o discurso, começa a festa. Todos agora estão de pé. As cortinas que escondem o altar com as oferendas são fechadas. Os devotos se voltam para o altar. Velas são acesas. A música é alta. O ânimo é mais alto ainda. Todo mundo pula ao som que é tocado. Os tambores ditam o ritmo. Prestha das canta ao microfone. Coreografias são executadas por homens e mulheres. Todos se "benzem" com a fumaça de uma candelária. Há crianças, adultos e idosos. A felicidade é enorme. Ninguém está preocupado com o que ocorre na política, na economia ou na sociedade em geral. O importante é louvar Krishna e Balarama. O importante é dar de volta tudo o que as divindades os deram.

A consciência de Krishna.

A Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON, sigla em inglês) é um órgão que promove os ensinamentos de Krishna e também os principais eventos culturais do movimento Hare Krishna. "É a casa da família e em que podemos aprender e crescer em Seu serviço para o qual nascemos neste mundo material", segundo Caitanya Mangala das, que é o presidente da ISKCON. A relação com você mesmo e com o outro é um dos focos da doutrina de Krishna. Ela trata do amor pelo coisas do planeta e do espírito.

Esta sociedade é o local onde estes ensinamentos

serão passados e postos em prática. Claro que não é apenas lá onde os crentes em Krishna praticam os seus ensinamentos, porém é o lugar de destaque para tais práticas.

O presidente da ISKCON no Brasil, Vaikuntha Murti, conta que "a relação com Deus é algo que se dá de maneira pessoal e com muito respeito. Também o entendimento sobre alguns valores da vida como servir ao próximo, não violência e karma (ação e reação) são itens que me atraem muito."

Essas são as pedras básicas da crença dos Hare Krishna's. Caitanya Mangala das ressalta que na sua opinião "quando você tem um relacionamento com Deus, mesmo um pouco, você é atraído para uma vida mais profunda, moral e compreensível de sua própria situação neste mundo."

Vaikuntha Murti acha que esse contato com os ensinamentos de Krishna traz tranquilidade em um mundo cada vez mais nervoso. "Muitas coisas me fazem feliz, dentre elas, saber que estou trabalhando minha espiritualidade de maneira efetiva me traz muito conforto e alegria", diz o presidente da ISKCON Brasil.

O movimento Hare Krishna no Ocidente

A chegada do movimento Hare Krishna no mundo Ocidente se deu em 1966, quando o pensador indiano Srila Prabhupada fundou em Nova Iorque a ISKCON. Lá ele começou a difundir a cultura de Krishna para o mundo todo.

Em uma entrevista para a jornalista Sandy Nixon, em 1975, Srila Prabhupada explicou o que é a consciência de Krishna. Ela significa Deus. Prabhupada diz que quando o ser humano se pergunta qual é a sua relação com Deus e qual é o objetivo da vida, então pode ser chamado de consciente de Krishna.

Religião significa conhecer Deus e amá-lo. Por conta disso, para os Hare Krishna, a consciência de Krishna, também é a consciência de Cristo. Pois seguir os ensinamentos de Jesus levam ao padrão de consciência



Foto: João Pedro Godoi

Sarva Prestha das narra um confronto entre Balaram Jayanti e um exército

Deus.

O mantra Hare Krishna/ Hare Rāma é uma forma de reviver a consciência de Krishna. Pela tradição, ela está dentro de todos, porém a vida materialmente condicionada, faz com que o ser humano esqueça-a. "A consciência de Krishna está adormecida no coração de todos e quando uma pessoa entra em contato com os devotos, ela é desperta", disse Srila Prabhupada na entrevista concedida em 1975.

Em 1971 Srila Prabhupada visitou a União Soviética. Lá ele conheceu o professor Grigoriy Kotovsky, chefe do Departamento Indiano na Academia de Ciências da U.R.S.S. e coordenador do Departamento de Estudos Indianos da Universidade de Moscou. No escritório do professor, o líder espiritual propôs uma reforma dentro do comunismo realizado na época.

Prabhupada disse que o conceito védico de socialismo ou comunismo aprimoraria a ideia de comunismo. Em um Estado socialista, a ideia é que ninguém passe

fome. Analogamente, no conceito védico de grhastha, chefe de família, recomenda-se que o/a chefe de família cuide para que sequer uma lagartixa que viva em sua casa passe fome. Por conta disso, o líder espiritual acreditou que as ideias de Krishna poderiam ser distribuídas entre os pensadores soviéticos. A partir disso o professor Kotovsky mobilizou o instituto de estudos indianos para traduzir para o russo e publicar muitas obras literárias da cultura indiana.

Sobre este comunismo espiritual, Krishna diz que "mesmo aqueles que são de nascimento baixo, também são incluídos se Me aceitam." E Srila Prabhupada conclui que a alma é pura, ela apenas fica encoberta temporariamente e tal cobertura deve ser removida. Ou seja, o movimento Hare Krishna destaca-se pelo tratamento igualitário que tem, em relação ao ser humano e também em relação ao mundo como um todo.

Jogo, energia, luta e celebração A cultura da capoeira

Mariana Somariva



Foto: Mariana Somariva

Praticantes jogam capoeira no Capoeira Angola Raízes do Sul

“O que a capoeira significa na sua vida?”

Foi essa a primeira pergunta que escolhi para fazer aos capoeiristas que entrevistei. Esta aspirante a repórter queria exercitar a escuta. Observar as reações. Sem pressa. Queria ouvir a resposta mais sincera; aquela que, muito além do “sim” ou “não”, vem à mente motivada pela emoção. Queria ver se rolava um brilho no olho. Para isso, precisava de uma pergunta simples, certa e, ao mesmo tempo, profunda.

Com os grandes olhos castanhos arregalados, Julia Pedroso – a Indiana, como foi apelidada na capoeira – suspirou. Refletiu. Os segundos antes da resposta são preciosos. Sua expressão se tornou serena. Um pequeno sorriso se abriu e as covinhas nas bochechas apareceram. O que ela estaria pensando? Acessaria lembranças dela jogando capoeira, com amigos, familiares? Será que alguma vez já havia feito essa pergunta a si mesma?

“Na verdade, junto com minha filha e minha família, a capoeira é minha vida”, respondeu. “Mudou minha maneira de lidar com as pessoas, de observar, de respeitar. É muito importante dar valor à sabedoria popular. Um senhor de idade é como um mestre de capoeira. Ele tem uma vivência muito além da nossa. Às vezes, observar um senhor de idade caminhando na rua, ver o jeito de ele andar, como ele para e olha... isso já é um aprendizado”. Serenidade, simplicidade, respeito. Eu perceberia logo que a relação dos entrevistados com a capoeira ia muito além do simples movimento do corpo ao som do berimbau.

Carregada de simbologia, de sentimento, essa luta disfarçada de dança foi criada pelos africanos escravizados no Brasil. Na aberrante realidade da escravidão, era através da capoeira que eles podiam se expressar. Para os parvos senhores de engenho, eram só negros dan-

quando no horário em que não eram forçados a trabalhar. Mas estavam eles lá, em meio a um verdadeiro ritual de resistência, celebrando, conectando-se com sua terra, lutando e também dançando, cultuando seus orixás e a divindade de seus ancestrais.

É esse ritual que faz com que Elcimar Pereira – a Goiana – se sinta conectada com sua ancestralidade. Recém saída de uma aula de capoeira, Goiana ainda estava ofegante quando a abordei. “O que a capoeira significa na sua vida?” Compenetrada, ela responde rapidamente. “É o que me dá energia. Mas pra mim é muito difícil, é um desafio”. Na minha ingenuidade, logo penso que ela se referia ao desafio dos movimentos, do equilíbrio do corpo etc. Goiana conta que sente dificuldade em lidar com a energia gerada na roda de capoeira; o que a faz deixar de praticar de tempos em tempos. “Porque mexe com questões da minha ancestralidade. Um dos motivos pelos quais eu vou e volto é porque eu começo a praticar e aí sinto tocar no meu coração. Começa a mexer com questões dos meus antepassados, e enfrentar isso não é algo fácil. Ao mesmo tempo que temos muitas alegrias em nossas festividades, também temos muita dor”. Ao pronunciar essas palavras, ela parecia estar efetivamente sentindo aquela dor. Fico me perguntando se não estaria sendo muito invasiva, ao mesmo tempo em que me sinto agraciada com tamanha generosidade por parte dela ao compartilhar esse sentimento. “Mas ao mesmo tempo, para mim é libertador. É como se eu mexesse com uma energia muito profunda que tem a ver com meus ancestrais. Se eu fico um tempo sem praticar, sinto que tenho que de alguma forma voltar. Na roda, me sinto em família”. E ela sorri.

Jogo a pergunta para Jean Sarará, hoje contramestre de capoeira. Ele volta às lembranças de sua infância/adolescência, época em que tinha uma questão de identidade que muito o agoniava. Moreno de olhos verdes, Jean nasceu no seio de uma família negra. Aprendeu

com a mãe que sua origem era negra, e que devia se orgulhar disso. Mas havia um contrasenso que ele não compreendia: em meio aos colegas negros, Sarará era tido como branco. Já em meio aos brancos, era tido como negro, e não deixava de sofrer preconceito racial e de classe. Num momento em que as pessoas tendem a firmar suas identidades, Sarará não conseguia estabelecer a sua. Queria gritar, externalizar sua raiva. Então entrou para a roda de capoeira. Lá, pôde se conectar mais fortemente com suas raízes. Sentiu que podia não só ajudar a si mesmo com a capoeira, mas outras pessoas. Começou a praticar sem parar e, ao longo dos anos, a adquirir a confiança de seu mestre.

A Capoeira Angola, a que Sarará se dedica, é a forma mais tradicional de capoeira. Nesse sistema, não há provas/exames para determinar a hierarquia dos praticantes. De aluno/a, se passa a professor/a, a contramestre e depois a mestre. Mas subir cada degrau desses é um processo que depende de muita experiência e reconhecimento dos mestres mais antigos e da comunidade em que o capoeirista está inserido. É justamente aí que se inicia a profunda relação de respeito entre os angoleiros. O reconhecimento de um professor, contramestre ou mestre se dá por consenso, baseado na sabedoria dos mais experientes para tomar esta decisão. É preciso que aquela pessoa seja reconhecida como apta a exercer uma função de educadora na comunidade. Foi assim que Jean Sarará foi reconhecido contramestre.

Com o brilho no olho que eu imaginava, ele então responde à minha pergunta: “a capoeira é para mim uma ferramenta de libertação individual e coletiva. Ela me ensinou a ser um educador. E quando isso aconteceu, aí mudou tudo na minha vida”. Sarará lembra que a capoeira resistiu à escravidão e que, justamente por ter surgido à margem, é um instrumento de resistência e luta contra a opressão: “primeiro, precisamos descobrir quem somos dentro dessa sociedade. Depois, no

coletivo, a gente procura lutar, não contra o outro dentro da roda, mas contra o sistema que oprime. Contra o consumismo, o racismo, o preconceito de gênero”.

Me pergunto, então, qual deve ser o lugar da mulher na capoeira. Como elas mesmas se enxergam dentro da roda? Aliás, elas estão dentro da roda? Indiana conta que no passado, as mulheres só podiam ficar na roda batendo palma, enquanto os homens jogavam. “Ou, no máximo, elas ficavam ali pra esconder o nego debaixo da saia quando bati o senhor de engenho”, diz Indiana com pesar. “Mas hoje em dia a mulher tá se posicionando. Mesmo assim, às vezes os homens ainda querem passar na frente pra jogar antes das mulheres. Mas aí a gente entra e diz ‘não, paraí, eu tô na fila, vou jogar, é meu direito. Sou capoeira!’”. Sorrindo e mostrando de novo as covinhas, ela continua: “e não tem essa de pegar leve só porque é mulher. Se os caras pegarem leve com elas, elas vão pegar pesado com eles. Não existe capoeira feminina ou masculina”. E Indiana tem dito. Já Julia Dornelles, a Arara, conta que praticamente nasceu dentro da roda. Sua mãe jogou capoeira até os sete meses de gravidez dela. Hoje com catorze anos, Arara joga de verdade desde os dez. “Eles acham que porque tu é mulher ou criança, tu não vai conseguir fazer os movimentos. Mas a gente consegue”, garante ela, com o orgulho de uma verdadeira angoleira.

Há consenso que existe uma manifestação de energia muito forte na roda. Mesmo aqueles que não se



Foto: Mariana Somativa

sentem conectados ao sincretismo religioso explícito na cultura da capoeira, ao praticarem creem que estão

envoltos por uma atmosfera energizante, instigante. Andréa Bercini – a Babalu –, não crê necessariamente na religiosidade presente na capoeira. Mas garante que faz o sinal da cruz toda vez que vai entrar na roda para jogar. “Faz parte do jogo. Peço a bênção para o berimbau”, diz. Os sons da orquestra de berimbau, agogô, pandeiro, reco-reco, combinados às palmas, aos cânticos, ao ritual de entrada do/da capoeirista para jogar na roda criam essa explosão energética, ao mesmo tempo mística e transcendental. “Acredito na força da capoeira como uma manifestação da natureza. Às vezes canto para um santo católico, às vezes para os orixás. Se a gente canta com sentimento, com verdade, eu acho que a gente está orando. A energia vai aumentando com as pessoas que estão na roda, até que se cria uma espécie de transe, um envolvimento muito grande com o jogo”, acrescenta Sarará.

Envolta nessa atmosfera de celebração, me despedi dos angoleiros após os inúmeros convites para que eu voltasse. Fui embora feliz. Se tivesse tido como me olhar no espelho, apostaria que meus olhos estavam brilhando também.

Agradecimentos ao grupo de Capoeira Angola Raízes do Sul



Capoeirista toca berimbau no Capoeira Angola Raízes do Sul

Porto Alegre de Carnavais

Claudia Bueno e Débora Sander

A maior festa popular do planeta, símbolo da cultura nacional, se expressa de forma singular na capital gaúcha: essencialmente comunitária, é protagonizada por grupos periféricos e majoritariamente negros:

Claudia Bueno e Débora Sander

Vai passar
Nessa avenida um samba popular
Cada paralelepípedo
Da velha cidade
Essa noite vai
Se arrepiar
Ao lembrar
Que aqui passaram sambas imortais
Que aqui sangraram pelos nossos pés
Que aqui sambaram nossos ancestrais

Num tempo

Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações

Seus filhos
Erravam cegos pelo continente
Levavam pedras feito penitentes
Erguendo estranhas catedrais
E um dia, afinal
Tinham direito a uma alegria fugaz
Uma ofegante epidemia
Que se chamava carnaval
O carnaval, o carnaval
(Vai passar)
Palmas pra ala dos barões famintos
O bloco dos napoleões retintos
E os pigmeus do bulevar



Foto Ricardo Giusti/PM/PA/Rádio Guaíba

Porta estandarte da Imperadores do Samba no desfile de campeões



Bateria da Bambas da Orgia

Meu Deus, vem olhar
Vem ver de perto uma cidade a cantar
A evolução da liberdade
Até o dia clarear

Ai, que vida boa, olerê
Ai, que vida boa, olará
O estandarte do sanatório geral vai passar
Ai, que vida boa, olerê
Ai, que vida boa, olará
O estandarte do sanatório geral
Vai passar
(Vai Passar – Chico Buarque)

O Carnaval está entre os principais elementos da cultura brasileira. Mas o significado que ele tem hoje para nós, brasileiros, foi construído ao longo dos séculos, desde o período da antiguidade, na Mesopotâmia, na Grécia e em Roma. Diversas festas e ritos deram origem ao que conhecemos atualmente como Carnaval. Festas babilônicas colocavam prisioneiros no lugar do rei por alguns dias, ou o rei saía do poder provisoriamente para ser surrado e humilhado diante de Deus, para após reassumir o poder. Também na Roma antiga haviam ritos de inversão de papéis, em que os escravos assumiam o lugar de seus senhores por tempo determinado. Tais tradições sustentam a

Baianas da escola Praiana



ideia de assumir uma figura, um papel ou uma identidade diferente no período do Carnaval. Há ainda a referência às festas praticadas pelos greco-romanos, como os bacanais – celebrações ao deus do vinho, Baco -, marcadas pelas orgias e pela embriaguez.

Após o domínio do catolicismo no século VIII, algumas modificações foram feitas. Mas permaneceu o caráter de assumir fantasias – homens vestidos de mulheres, por exemplo – e cometer excessos logo antes de um período de severidade religiosa.

Séculos se passaram e o Carnaval assumiu características particulares em cada parte do mundo, embora o essencial seja semelhante no mundo inteiro: a possibilidade de ser alguém diferente durante alguns dias, de assumir outra aparência, outra identidade. E, no Brasil, pode-se dizer que a população vivencia o período do Carnaval com o espírito da “ofegante epidemia” e da “alegria fugaz”, antes do retorno à rotina mais rígida, por ser celebrado numa data imediatamente anterior ao início do ano letivo escolar e universitário, no final do verão. O Carnaval brasileiro também ganhou destaque no mundo inteiro em função da tradição musical do samba – que se tornou o ritmo oficial desta festa no país – e de uma cultura liberal, com a mídia constantemente promovendo o culto ao corpo.

Estreitando ainda mais nossa esfera, chegamos ao Carnaval em Porto Alegre. Ele é igual ou sequer semelhante à festa celebrada no resto do Brasil? Se parece com os tradicionais Carnavais do Rio de Janeiro ou de Salvador, na Bahia?

Um breve história dos Carnavais de Porto Alegre*

O Carnaval de origem europeia e inicialmente restrito às elites brasileiras, nas primeiras décadas do século XIX, foi definitivamente transformado pela incorporação de elementos culturais criados pelas camadas populares, principalmente os negros.

O imigrante açoriano trouxe para Porto Alegre a prática do Entrudo, que era uma brincadeira em que os foliões atiravam entre si os limões de cheiro, água das seringas e até farinha. A elite da cidade, por outro lado, a partir da metade do século XIX, começa a cultivar um carnaval fechado em salões. Além dos bailes nas sociedades, as camadas mais ricas organizavam desfiles nos cursos, os carros alegóricos da época.

É apenas na segunda metade dos anos 1920 e na década de 1930 que a folia é tomada pelas camadas mais humildes da população. No final da década de 1940 é a idade de ouro dos carnavais de bairro. Os blocos tomam as ruas, com mais de setenta pessoas sambando em fila indiana, ao som da batucada. As fantasias são todas iguais e não há enredos.

Em 1961 a Academia de Samba Praiana revoluciona a festa de Porto Alegre, introduzindo a estrutura da escola de samba, copiada do Rio de Janeiro. Começa uma estrutura diferenciada com divisão por alas temáticas, maior número de componentes, samba-enredo, harmonia e destaque de determinadas figuras como o mestre-sala e a porta-bandeira. O desfile é encarado como espetáculo: todo trabalho é industrializado, com o uso de

mão de obra especializada, exalta-se o luxo e a riqueza, e ocorre a profissionalização de muitos componentes.

Contribuem para este processo os meios de comunicação – jornais, televisão, revistas e agências de publicidade – que têm no Carnaval uma perspectiva de lucro. Com a ditadura militar instaurada em 1964, o Carnaval cai sob o controle do poder público, que reparte verbas entre as escolas, para a produção do espetáculo. Fora dos locais estipulados pelas autoridades, o Carnaval é proibido. É a repressão dos blocos de rua. No final dos anos 1960 o Carnaval tem um novo tratamento por parte da imprensa, e é valorizado como manifestação artística e de cultura popular.

Diferenças

Jackson Raymundo, pesquisador do samba enredo de Porto Alegre e mestre em Letras pela UFRGS, acredita que a primeira diferença do Carnaval daqui para o do Rio de Janeiro e de São Paulo é a dimensão do tamanho do fato social. “No Rio o Carnaval é fundamental para a cultura do estado e um elemento importante para a economia, porque gera empregos: é o soldador, a costureira, o cenógrafo, são dezenas de profissões que estão envolvidas na cadeia produtiva do carnaval. Em Porto Alegre ele não tem a mesma dimensão”, ressalta Raymundo.

A festa gaúcha tem um sentido étnico-racial muito forte. É essencialmente comunitária, protagonizada pelas comunidades periféricas e majoritariamente negras. Se no Rio os bairros de classe média participam, aqui não acontece: o Porto Seco - complexo cultural onde ocorre o Carnaval - acaba se restringindo às periferias.

Para Vera Daisy Barcellos, jornalista que cobriu o Carnaval de Porto Alegre durante 16 anos, e irmã de Carlos Alberto Barcellos, o Roxo, patrono da passarela do samba no Porto Seco, a territorialidade não se re-

stringe apenas à festa, mas também ao estilo musical. “O samba no Rio Grande do Sul tem cor e lugar para acontecer. Ele está mais colocado no espaço das escolas de samba, das periferias, que reúnem uma grande quantidade da população negra, e dificilmente consegue adentrar os espaços onde está o rock ou a música nativista”, avalia a jornalista.

Particularidades – a riqueza musical

Há muita preciosidade musical no Carnaval de Porto Alegre. Vera Daisy assegura que a cidade tinha um samba diferenciado do Rio de Janeiro por uma série de influências. “Aqui tinha o uso de instrumentos de sopro, que não era uma característica de lá. Isso dava uma riqueza muito grande para a música e para o ritmo do samba de Porto Alegre”, argumenta.

O pesquisador Jackson Raymundo identifica dois ciclos nos sambas enredos da capital gaúcha: o ciclo de exaltação ao Carnaval, que ocorre do final dos anos 1970 ao início dos anos 1980, quando o contexto político era de volta da liberdade; e um ciclo de sambas irreverentes e críticos, que se dá na segunda metade da década de 1980, em que praticamente todas as escolas trouxeram sambas muito críticos do ponto de vista social e político, refletindo o sentimento de descontentamento da população da época.

O samba em Porto Alegre fala muito sobre o Brasil. A formação e miscigenação do país aparecem em longa duração nos sambas enredos de Porto Alegre. Entretanto, os sambas tratam o Rio Grande do Sul de maneira mais geral, um sinal de que quem protagoniza as escolas de samba não se vê na figura típica do gaúcho. O negro é mais um tema recorrente nos enredos, além do índio, que aparece sempre de maneira constante.

Outra particularidade do Carnaval de Porto Alegre são as tribos carnavalescas. Manifestação pecu-

liar do Rio Grande do Sul, elas surgem na metade dos anos 1940, e seu auge se dá nos fins dos anos 1950. As tribos tem uma canção própria chamada de hino, e possuem uma estética própria, utilizando fantasia e coreografia abordando temas indígenas.

Porto Seco

O Complexo Cultural do Porto Seco foi concebido como um espaço permanente onde o carnaval e outras manifestações poderiam ocorrer, como o desfile Farroupilha e o desfile de Sete de Setembro. Se analisarmos o Rio de Janeiro, o sambódromo está no centro da cidade, todo mundo vê a Sapucaí. O mesmo acontece em São Paulo, o Anhembi está na entrada da cidade, visível para todos que chegam. Mas em Porto Alegre o Porto Seco não está num lugar central, e não é visível para a maioria da população.

Além disso, depois de mais de 10 anos, a estrutura não ficou definitiva, as arquibancadas são montadas e desmontadas todos os anos. Estruturas tão provisórias fazem com que não ocorram outros eventos durante o ano, o que cria uma sensação de abandono. “O Porto Seco precisava ser um espaço cultural o ano inteiro, e não só durante os dias de carnaval”, argumenta Jackson Raymundo.

Para Fábio Verçoza, Rei Momo do Carnaval de Porto Alegre há 10 anos, uma parceria público-privada poderia ser útil ao Carnaval portoalegrense. “Nós, carnavalescos, temos que ser mais rígidos com questões de horários, de cumprimento de contratos, de comprometimento e de enxergar o carnaval como empresa. Nós não temos essa visão de gestão”, comenta.

Em Porto Alegre, é impossível separar as origens do Carnaval da sua ligação com a população negra e da sua expressão como preciosidade musical singular da região. As diversas raízes que constituíram os Car-

navais ao redor do mundo – e que formaram o que é o Carnaval em cada lugar do Brasil nos dias de hoje – o tornam uma expressão cultural complexa e sofisticada. Na origem africana, europeia e em todas as influências que já se misturaram ao longo dos séculos, trazendo as particularidades de cada região, o Carnaval reúne muitas linguagens artísticas simultaneamente, e portanto, deve ser visto, estudado e tratado com a complexidade a carga cultural que carrega.

*nota: retirado do livro Carnavais de Porto Alegre

Gaúcho não gosta de carnaval?

É importante lembrar que Porto Alegre viveu na última década um ressurgimento do Carnaval de rua. Quando se juntam multidões nos blocos da Cidade Baixa e do Centro, há uma demonstração de que a população está afim de Carnaval. “Esse negócio de que gaúcho não gosta de carnaval não é nada verdade, o pessoal participa ativamente”, analisa Raymundo.

Um processo importante que acontece nos blocos é de valorização dos sambas nativos. Existe muita produção musical que está num circuito fechado, e os blocos também tiveram um papel importante no resgate de algumas canções que só tocavam dentro das escolas de samba.



Foto: Rudá Melo

Bloco da Laje descendo a rua Cassemiro de Abreu

Vulto de um corpo do século XXI

Emerson Trindade

O corpo humano já foi muitos. Exaltado pelos antigos gregos, que criaram os jogos olímpicos pelo culto ao vigor e à saúde. Condenado pela igreja na idade das trevas, época em que a dissecação de cadáveres foi proibida por ser considerada sacrilégio. Aprisionado pelos conservadores, testemunhou o surgimento de uma cultura de retração sexual. Explorado e modificado na pós modernidade, vê nascer novos conceitos extremos de estética, ainda a serem compreendidos.

Com tantas mudanças na percepção sobre o corpo, uma coisa se mantém inalterada através dos séculos. A profissão mais antiga do mundo ainda existe, e é protagonizada pelo uso do corpo mediante pagamento em dinheiro.

Vivendo em um momento histórico que permite a coexistência de filosofias e culturas das mais diversas, existem muitas visões sobre o que é o corpo e qual sua função, além de mero suporte para a mente/alma/espírito ou enfim. Preso nas entrelinhas das diversas correntes de pensamento, o senso comum une e reproduz conceitos que passam despercebidos quando diluídos no cotidiano. Para entender a visão contemporânea sobre o corpo, nada melhor do que conversar com quem trabalha usando o próprio corpo.

Josiane tem 24 anos e estuda administração. Todos os dias trabalha das 21 às 2hs da manhã. Apesar da rotina puxada de trabalho, ela sempre ar-

ranja tempo e vigor para fazer uma hora de academia, das 13h às 14h. Ela diz que gosta de fazer a academia por vaidade, e se cuidava antes mesmo de começar na sua atual profissão.

Quais os cuidados que tu tem com o corpo? Tanto por saúde, forma física quanto por estética?

Ah, eu faço academia todos os dias. Trabalho aqui das quatro às onze, e faço academia da uma às duas. Sempre fui vaidosa, malho porque gosto. Não quero ficar exagerada, braço, bundão, coxão, essas coisas. Mas sempre fui vaidosa, quero me sentir bem com meu corpo.

Josiane não é o nome real da personagem deste texto. De fato, ela não revela a identidade.

“Josiane” trabalha no centro de Porto Alegre, em uma das “casas de massagem” mais conhecidas da cidade. Aceitou fazer um programa diferente e falar



Foto: Wladymir Ungaretti

sobre a sua rotina, sob a condição de não ter imagem registrada ou o local de trabalho identificado. O local em questão tem fachada discreta, mas é facilmente identificável. Entre algumas lojas e um banco, uma porta bastante estreita e com iluminação avermelhada leva ao estabelecimento. O lugar é conhecido em toda a cidade, mas evita a todo custo a visita da imprensa.

Vocês têm seguranças aqui?

Sim, se der algum problema a gente tem quem chamar.

E acontece muito? Já aconteceu contigo ou tu já presenciou?

O que acontece às vezes é um cliente beber demais, e às vezes dá uns problemas. Mas eles respeitam as gurias, até porque se der problema os guris tiram, mas a gente não chama a polícia, porque a polícia chama o jornal e eles querem tirar foto do lugar, da gente, e a gente não quer isso aqui.

Entrar no prédio já é uma experiência interessante. Embora seja sexta-feira, final de mês, chova e a rua esteja quase deserta perto das dez da noite, a sensação é de que um mar de olhos maliciosos observa cada um que entra.

Chegando no lugar, seis mulheres dançam ao som de funk que pode se ouvir desde a esquina. Uns oito ou nove homens estão no local. Pela postura e ações é possível perceber que os dois jogando sinuca e o que está parado próximo ao balcão são funcionários do lugar. Os outros estão sentados em sofás, bebendo. As mulheres dançam com roupas ousadas: uma delas usa calça legging branca e apertada, uma usa uma espécie de macacão que cobre apenas a virilha e o peito, duas usam top e shorts e uma usa apenas calcinha fio den-

tal e sutiã. Na parede, uma televisão passa vídeos de música com mulheres dançando de biquíni. De tempo em tempo, um dos homens levanta e cochicha algo no ouvido de alguma das dançarinas. Por alguma razão impossível de se ouvir de longe, não se acerta o programa, que tem preço tabelado: cinquenta reais para vinte minutos, setenta reais por meia hora e cento e cinquenta reais por uma hora. Outras condições, como por exemplo, sexo anal, são combinados individualmente.

O que tu considera um abuso durante um programa?

Acho que insistir em fazer anal ou em algo que eu não queira fazer.

Durante a negociação do programa não rola, às vezes, do cara pedir pra fazer sem camisinha ou insistir pra fazer algo que tu não queira?

Ah, a gente sabe de histórias de cara que pede, tem meninas que se o cara pagar por fora até faz oral sem, mas eu não, a gente conversa antes e se o cara não gostar, procura outra menina, mas eu não faço.

Tu sabe alguma história de alguma guria daqui que tenha passado por isso, do cara insistir?

Não, pra evitar isso a gente sempre combina antes com o cara, faz isso e isso, mas não faz isso. Eles entendem, se não combinar eles procuram outra menina, sem problema.

O máximo que acontece durante uns trinta minutos é algumas bebidas serem levadas até quem estava conversando com uma das mulheres. Logo em seguida, chega um homem que vai direto até uma delas e em trinta segundos de conversa já sobe com ela para o

andar de cima, onde estão os quartos.

Os cômodos onde se realiza o programa são muito pequenos. Nos quartos só cabem a cama, cujas extremidades quase tocam a parede, e um criado mudo, onde Josiane coloca a bolsa com o kit programa e um copo com vodka e energético. Talvez ela não tenha acreditado que seria um programa sem sexo, e levou a bolsa com lubrificante, camisinha e alguns outros produtos que não consegui identificar. Cada uma das paredes das pontas da cama tem um espelho, e a porta do quarto é sanfonada, de PVC.

Josiane senta na cama e fala sobre sua vida, objetivos e como ela vê o corpo.

Alguém fora daqui sabe do teu trabalho?

Só a minha mãe, mas a gente não fala muito sobre isso. Eu só faço pra pagar o aluguel e poder continuar estudando. Me formo em Administração em dois anos.

E a relação de vocês mudou depois que ela soube?

Não, exatamente igual.

E nos teus momentos de lazer, tu usa bastante o corpo? Além de academia, faz esportes?

Ah, no lazer, em casa, eu descanso não faço nada.

E no sexo, mudou algo depois que tu começou a trabalhar aqui?

Não, nada.

Josiane tem os cabelos cacheados presos em um penteado rabo de cavalo. Cerca de um metro e sessenta, usa uma saia e top. Quase todo o tempo que

estive na casa, ela estava bebendo, mas seu corpo é magro e bem definido. Como ela mesmo diz, não faz o tipo "gostosona de academia", mas gosta de se manter em forma.

Mudou um pouco tua motivação pra fazer academia? Tipo, pensar que agora tu tem que estar bem pra atrair mais ou algo assim?

Não, eu faço academia pra mim. Não quero ficar gorda, mas também não sou muito magra (estica um pouco a pele da barriga) eu até tô meio gordinha, mas sempre tem quem goste, quem procure até uma menina mais cheinha, então não muda nada.

Tu gosta de sentir que chamou a atenção na rua pelo corpo? Como tu te sente quando alguém te dá uma cantada ou algo assim?

Eu acho ridículo isso de buzinar, gritar, alguma coisa assim. E eu faço academia pra me sentir bem comigo mesma, não penso nos outros.



Foto: Wladimir Ungaretti

De 0 a 10, qual o teu grau de satisfação com o corpo hoje?

10! Perfeita! (risos)



Qual o maior medo que tu tem, relacionado ao corpo? Pode ser doença ou forma física.

Ah, é AIDS, né.

Tu cuida bastante da saúde?

Sim, eu procuro sempre me alimentar bem, faço academia, uso sempre preservativo, tomo anticoncepcional.

E qual o teu maior desejo relacionado ao corpo?

Ah, todo mundo quer mudar alguma coisa, o cara quer ter mais braço, a guria quer ter um bundão, sei lá. Eu quero botar silicone, acho meu peito pequeno.

Quando tu está fazendo programa, consegue te sentir dona do teu corpo, mesmo permitindo que outra pessoa o use mediante pagamento?

Sim, eu sei que o corpo é meu, eu faço programa, mas é meu corpo. O cliente tem que respeitar que é meu corpo, me respeitar.

Tu tem algum filtro? Tipo, 'ah, esse eu não vou atender'

Não.

Tu consegue "se separar" do teu corpo durante um programa, tipo, pensar que é só teu corpo ali, te distanciar?

Não, no programa é eu ali.

E como tu vê teu corpo? É um meio de ganhar a vida, uma fonte de prazer, os dois... Se eu te perguntar, o que é o corpo, o que tu responderia?

Não sei, nunca pensei nisso.

Tu tem um sentido de autonomia e segurança muito grande sobre o corpo. Tem conhecimento ou algum contato com o feminismo?

Ela franze a sobrancelha com aquela típica expressão de quem não faz a menor ideia do que eu tô falando.

O programa excede em cerca de quinze minutos os vinte combinados.

Bom, era isso então.

Tu veio até aqui só pra fazer essas perguntas?

É.

Agora as escadas no corredor estreito levam de volta para a rua. A luz passa do vermelho fraco para a parca claridade das ruas com poucos postes ligados em uma noite de chuva. A casa de massagens fica pra trás. Lá dentro, corpos expostos em uma luz baixa. Um cenário um tanto contraditório, mas que permite uma observação mais apurada da percepção do corpo no século XXI, a partir da profissão mais antiga do mundo.

andar de cima, onde estão os quartos.

Os cômodos onde se realiza o programa são muito pequenos. Nos quartos só cabem a cama, cujas extremidades quase tocam a parede, e um criado mudo, onde Josiane coloca a bolsa com o kit programa e um copo com vodka e energético. Talvez ela não tenha acreditado que seria um programa sem sexo, e levou a bolsa com lubrificante, camisinha e alguns outros produtos que não consegui identificar. Cada uma das paredes das pontas da cama tem um espelho, e a porta do quarto é sanfonada, de PVC.

Josiane senta na cama e fala sobre sua vida, objetivos e como ela vê o corpo.

Alguém fora daqui sabe do teu trabalho?

Só a minha mãe, mas a gente não fala muito sobre isso. Eu só faço pra pagar o aluguel e poder continuar estudando. Me formo em Administração em dois anos.

E a relação de vocês mudou depois que ela soube?

Não, exatamente igual.

E nos teus momentos de lazer, tu usa bastante o corpo? Além de academia, faz esportes?

Ah, no lazer, em casa, eu descanso não faço nada.

E no sexo, mudou algo depois que tu começou a trabalhar aqui?

Não, nada.

Josiane tem os cabelos cacheados presos em um penteado rabo de cavalo. Cerca de um metro e sessenta, usa uma saia e top. Quase todo o tempo que

estive na casa, ela estava bebendo, mas seu corpo é magro e bem definido. Como ela mesmo diz, não faz o tipo "gostosona de academia", mas gosta de se manter em forma.

Mudou um pouco tua motivação pra fazer academia? Tipo, pensar que agora tu tem que estar bem pra atrair mais ou algo assim?

Não, eu faço academia pra mim. Não quero ficar gorda, mas também não sou muito magra (estica um pouco a pele da barriga) eu até tô meio gordinha, mas sempre tem quem goste, quem procure até uma menina mais cheinha, então não muda nada.

Tu gosta de sentir que chamou a atenção na rua pelo corpo? Como tu te sente quando alguém te dá uma cantada ou algo assim?

Eu acho ridículo isso de buzinar, gritar, alguma coisa assim. E eu faço academia pra me sentir bem comigo mesma, não penso nos outros.



Foto: Wladimir Ungaretti

De 0 a 10, qual o teu grau de satisfação com o corpo hoje?

10! Perfeita! (risos)



Qual o maior medo que tu tem, relacionado ao corpo? Pode ser doença ou forma física.

Ah, é AIDS, né.

Tu cuida bastante da saúde?

Sim, eu procuro sempre me alimentar bem, faço academia, uso sempre preservativo, tomo anticoncepcional.

E qual o teu maior desejo relacionado ao corpo?

Ah, todo mundo quer mudar alguma coisa, o cara quer ter mais braço, a guria quer ter um bundão, sei lá. Eu quero botar silicone, acho meu peito pequeno.

Quando tu está fazendo programa, consegue te sentir dona do teu corpo, mesmo permitindo que outra pessoa o use mediante pagamento?

Sim, eu sei que o corpo é meu, eu faço programa, mas é meu corpo. O cliente tem que respeitar que é meu corpo, me respeitar.

Tu tem algum filtro? Tipo, 'ah, esse eu não vou atender'

Não.

Tu consegue "se separar" do teu corpo durante um programa, tipo, pensar que é só teu corpo ali, te distanciar?

Não, no programa é eu ali.

E como tu vê teu corpo? É um meio de ganhar a vida, uma fonte de prazer, os dois... Se eu te perguntar, o que é o corpo, o que tu responderia?

Não sei, nunca pensei nisso.

Tu tem um sentido de autonomia e segurança muito grande sobre o corpo. Tem conhecimento ou algum contato com o feminismo?

Ela franze a sobrancelha com aquela típica expressão de quem não faz a menor ideia do que eu tô falando.

O programa excede em cerca de quinze minutos os vinte combinados.

Bom, era isso então.

Tu veio até aqui só pra fazer essas perguntas?

É.

Agora as escadas no corredor estreito levam de volta para a rua. A luz passa do vermelho fraco para a parca claridade das ruas com poucos postes ligados em uma noite de chuva. A casa de massagens fica pra trás. Lá dentro, corpos expostos em uma luz baixa. Um cenário um tanto contraditório, mas que permite uma observação mais apurada da percepção do corpo no século XXI, a partir da profissão mais antiga do mundo.

